

# REVISTA REDAÇÃO

15/03/2015 - Ed. 09



Lucas Rocha

لا إله إلا الله



## A ESCALADA DO TRADICIONALISMO E DO AUTORITARISMO NO ISLÃ

(NABIL MOULINE)

// A LISTA DE JANOT E  
OS EXCREMENTOS  
DO VICE.

Malu Fontes

// O GRANDE PESADELO  
EUROPEU

Yan Boechat

## A escalada do tradicionalismo e do autoritarismo no Islã (NABIL MOULINE)

O mundo muçulmano sunita vive um fenômeno de reislamização, impulsionado pela fragilidade das forças modernistas e pela hipocrisia dos poderes políticos. Tudo leva a crer que, apesar de estarem em campos opostos, o wahabismo saudita e a corrente da Irmandade Muçulmana vão tentar crescer.



**NO MUNDO** árabe, as ambições hegemônicas do tradicionalismo muçulmano não datam de ontem. Quaisquer que sejam sua forma ou sua denominação, seus depositários conseguiram ocupar ali, desde a segunda metade do século IX, um lugar central. Isso tendo como preço combates violentos e em detrimento de outros discursos, alguns dos quais inovadores, ou ao menos renovadores.

Foi apenas a partir do século XIX que a ordem antiga foi progressivamente, mesmo que de modo involuntário, chacoalhada pelo choque colonial. Discursos baseados nos sistemas de valores e nas representações ocidentais foram introduzidos nas terras do islã. Eles ofereciam uma nova concepção do mundo e permitiam que as correntes intelectuais, políticas e religiosas florescessem. O tradicionalismo muçulmano não desapareceu, no entanto. Depois de um período de adaptação forçada no início do século XX, seus promotores reapareceram e pretendiam ter um papel estruturante como defensores dos verdadeiros valores do islã contra uma modernidade invasiva demais. A renovação e a expansão do tradicionalismo, seja ele religioso (wahabismo)<sup>1</sup> ou político-religioso (irmanismo<sup>2</sup> e jihadismo), tiveram diversas causas. Sem negligenciar os fatores socioeconômicos, cuja importância é inegável, parece-nos necessário aqui isolar algumas variantes determinantes e colocá-las em perspectiva.

Ao longo do século XX, diversos países muçulmanos tentaram utilizar seu capital religioso para estender seu prestígio e sua influência ao nível internacional. Mas a experiência saudita é a mais impressionante, por sua amplitude e longevidade. O wahabismo, avatar do hanbalismo (uma das quatro escolas jurídicas e teológicas do sunismo), considera-se desde sua aparição, no século XVIII, a única e verdadeira religião. Sua interpretação literalista, conservadora e exclusivista do islã deveria então se impor a todos; aqueles que a recusassem eram declarados perdidos, hipócritas, heréticos, até mesmo incrédulos. As autoridades políticas e religiosas sauditas, porém, não tinham os meios humanos e financeiros para realizar suas ambições, ainda mais porque sua doutrina sofria de uma má reputação em razão das acusações de extremismo feitas por seus detratores, não sem fundamento. As coisas iriam mudar radicalmente após a Primeira Guerra Mundial.

O rei Abdul Al-Aziz (mais conhecido como Ibn Saud), fundador do reino saudita moderno, aproveitou-se do contexto de recomposição da religião nos dias que se seguiram ao conflito para mover suas peças no jogo. Ele empreendeu, entre outras, uma operação de grande envergadura para redourar o brasão do wahabismo, que ele rebatizou de salafismo. Seu objetivo: convencer que essa doutrina estava de acordo com as crenças e as práticas ortodoxas dos *salaf* – as três primeiras gerações de muçulmanos. Sua mais bela vitória nessa área sem dúvida foi ter seduzido diversos intelectuais e ulemás influentes. A tarefa de reabilitação, acrescida do prestígio de ter permanecido o único país árabe independente entre as duas guerras,<sup>3</sup> permitiu que essa doutrina adquirisse o status de nova ortodoxia.

## Petrodólares e proselitismo

A grande expansão do wahabismo começou durante os anos 1960, auxiliada pelas lutas que opunham a Arábia Saudita ao Egito e pelo aumento substancial de renda do reino graças à exportação do petróleo. Para se prevenir das ambições pan-arábicas do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, o poder saudita se colocou como campeão do islã e dos valores tradicionais, inaugurando uma política de "solidariedade islâmica". Assim, diversas organizações políticas, econômicas, sociais, educativas e religiosas (a Liga Islâmica Mundial, a Universidade Islâmica de Medina etc.) surgiram, graças principalmente ao auxílio da Irmandade Muçulmana exilada do Egito por Nasser e bem acolhida nessa época.

Depois da guerra israelo-árabe de junho de 1967, que anunciou o fim do pan-arabismo, a Arábia Saudita aumentou sua influência. Ela utilizou essas organizações para exportar seu islã, e gastou sem se preocupar. Enquanto a Liga Islâmica Mundial estendeu suas atividades a dezenas de áreas (construção de mesquitas, ajuda humanitária, juventude, ensino, fátuas, aprendizado do Corão etc.), a Universidade Islâmica de Medina formou sauditas e estrangeiros para levar a "boa nova" mundo afora. Desde sua criação em 1961, essa universidade formou cerca de 45 mil religiosos de 167 nacionalidades. É preciso acrescentar a isso milhares de estudantes estrangeiros que passam por outros órgãos de ensino sauditas, tanto dentro quanto fora do país, e por redes de ensino informais. Outros órgãos oficiais, oficiosos e privados surgiram, para responder à demanda de um mercado da religião em perpétuo crescimento. Paralelamente às vias institucionais, Riad financiou, geralmente com toda a discrição, indivíduos, grupos e organizações que serviam mais ou menos a seus desejos. Ele teria, assim, gastado mais de US\$ 4 bilhões para apoiar os mujahedins no Afeganistão durante os anos 1980.

Como meio de visibilidade e de expansão de primeira ordem, o mundo midiático e virtual evidentemente não escapa à vigilância das autoridades político-religiosas do reino. Ele é ocupado desde os anos 1990. Dezenas de canais via satélite e centenas de sites apareceram. As redes sociais também são tomadas. Serviços de todas as espécies são oferecidos ali, às vezes em diversas línguas. Esse engajamento nas novas tecnologias, financiado pelo Estado, não deve, no entanto, nos fazer esquecer os meios de difusão tradicionais. Por exemplo, milhões de brochuras, cassetes, CDs e livros religiosos foram distribuídos em todo o mundo a preços módicos, se não gratuitamente, desde os anos 1980.

Graças aos petrodólares, à presença de locais santos do islã no território saudita, à simplicidade de seus preceitos e ao zelo de seus adeptos, o wahabismo se impôs como uma ortodoxia em relação à qual todos os outros agentes passaram a se posicionar. Sua arma mais eficaz continuava sendo a capacidade de seus depositários de se aliar com qualquer regime, ou pelo menos se acomodar a ele, contanto que este os autorizasse a islamizar a sociedade por baixo. A restauração do califado não faz parte de suas preocupações, o que não é o caso de seu principal concorrente: a Irmandade Muçulmana.

Desde sua fundação, em meados de 1928, por Hassan al-Banna, a confraria da Irmandade Muçulmana tem por objetivo recriar a unidade política e religiosa original da *oumma*. Para realizar essa utopia, seu fundador imaginou uma estratégia teológica: seria necessário primeiro islamizar a sociedade por baixo, ultrapassando todas as escolas jurídicas e teológicas antes de conquistar o poder e criar Estados islâmicos. Estes, que garantiriam a supremacia dos valores religiosos tradicionais, se engajariam em um processo de integração por meio de programas de cooperação intensos. Isso leva naturalmente à abolição das fronteiras e à proclamação do califado.

Ainda que tradicionalista, o discurso da Irmandade foi relativamente moderado durante os primeiros anos de sua existência. Muitas ideias ocidentais, ao menos em seus procedimentos retóricos, foram adotadas para permitir a entrada no campo político moderno tendo como objetivo controlá-lo. Mas, se a confraria se estendeu rapidamente pelo Egito e fora dele, ela fracassou em conquistar o poder. No final dos anos 1940, ela se engajou em um processo de radicalização que se intensificou na década seguinte por causa da repressão feroz que o regime de Nasser exercia contra seus membros.

Foi nesse contexto de crise que nasceram as teorias de Sayyid Qutb (1906-1966), um dos ideólogos da confraria. Em 1950, esse ex-jornalista operou uma reviravolta ideológica que teria consequências imensas no campo político-religioso árabo-muçulmano. Ele considerava que o mundo no qual vivia tinha caído em apostasia. Os verdadeiros crentes, agora minoritários, deveriam realizar uma "emigração" ao se separarem espiritual e fisicamente das sociedades ímpias. Depois de criar uma plataforma sólida, esses eleitos deveriam se lançar na conquista do poder para instaurar o Estado e a lei islâmicos no âmbito de um jihad integral. Essa cultura de enclave, que não é novidade na história muçulmana, se tornou rapidamente a base do jihadismo contemporâneo. Sua hibridação com o wahabismo, o maududismo<sup>4</sup> e outras ideologias europeias – principalmente fascistas e comunistas – a tornaram ainda mais perigosa nas mãos de grupos como a Al-Qaeda, a Frente al-Nousra e a Organização do Estado Islâmico.

Ainda que a maioria da Irmandade Muçulmana tenha contestado os argumentos de Qutb, não caído no jihadismo e preferido o ativismo, ela não se distanciou, no entanto, do tradicionalismo; ela devia, com efeito, conservar sua parte de mercado. Mesmo que existam particularismos locais, o denominador comum dos movimentos que se reclamam de perto ou de longe como parte desse agrupamento é a vontade de islamizar as sociedades, sem, para tanto, abandonar o sonho de uma tomada, parcial ou integral, do poder, seja pela infiltração, seja pelo jogo democrático.

Qualquer que seja sua obediência política, os regimes que se instalaram no poder depois das independências instrumentalizaram a religião, principalmente o tradicionalismo. O fracasso ou a inexistência de um projeto de construção nacional lhes permitiram utilizar esse valor seguro por excelência. Em um primeiro momento, eles estimaram que o controle dos agentes e o monopólio dos discursos religiosos passavam pelo controle das instituições, como a Al-Azhar no Egito, a Zitouna na Tunísia e a Qaraoiyine no Marrocos. Essa política teve um efeito perverso: os representantes dessas instituições,

que estavam em situação de quase monopólio, se encontraram não apenas descreditados por muito tempo, mas também em concorrência com novos agentes religiosos, principalmente a Irmandade Muçulmana e os wahabitas. O campo espiritual se encontrou assim fragmentado. Depois, começou um leilão tradicionalista.

### **Irmandade Muçulmana ataca a esquerda**

Mesmo se mantendo atenta, a maioria dos regimes tentou utilizar esses empreendedores religiosos para seu benefício a partir do início dos anos 1970. Para se livrar dos movimentos de oposição, diversos regimes, entre os quais o de Anwar Sadat no Egito e de Hassan II no Marrocos, se valeram, assim, da Irmandade Muçulmana. Sob o olhar benevolente das autoridades, esta última enfraqueceu duramente as posições da esquerda, sobretudo nos estabelecimentos de ensino, universidades, sindicatos etc. Mas as coisas não pararam por aí. Os regimes aplicaram a fundo o repertório da Irmandade, tanto para satisfazê-la quanto para ultrapassá-la. Isso diz respeito não apenas à área da lei (a constitucionalização do islã e até mesmo da charia, o estatuto pessoal, os artigos do código penal etc.), mas também à educação (os programas escolares) e às mídias. Para coroar o todo, os chefes de Estado não perdiam nenhuma oportunidade de manifestar publicamente sua devoção (participação em rituais, em especial a peregrinação a Meca, organização de cerimônias religiosas, construção de edifícios de culto etc.).

Ainda que os regimes tenham tolerado e instrumentalizado a Irmandade Muçulmana, a desconfiança sempre esteve presente. Eles não esqueciam que o objetivo principal desta ainda era a tomada do poder. Não perdiam, então, a chance de tentar desacreditá-la, enfraquecê-la e até mesmo eliminá-la. Foi, por exemplo, o caso na Arábia Saudita, depois de uma contestação da Irmandade no início dos anos 1990. Outros regimes tentaram, principalmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, se apoiar nas confrarias sufis para alcançar o mesmo objetivo. Mas essa tentativa se revelou ainda mais vã, já que a mística muçulmana estava perdendo terreno havia diversas décadas.

Foi assim que, diante do crescimento da Irmandade Muçulmana depois dos levantes populares de 2011, diversos regimes descobriram os “benefícios” do wahabismo: o anti-irmanismo, o antimodernismo político e o chamado à obediência absoluta aos governantes. Eles não hesitaram em utilizá-los, o que nos permite prever os conluios nos próximos anos. Tudo faz pensar, portanto, que o tradicionalismo religioso vai continuar sua expansão, ainda mais porque as sociedades civis estão balbuciantes e o campo intelectual, sobretudo modernista, está em ruínas.

**1 Do nome do fundador do movimento, Muhammad ibn Abd al-Wahab.**

**2 Em referência à Irmandade Muçulmana.**

**3 Alguns países, entre os quais o Egito, eram formalmente independentes, mas na realidade estavam sob controle britânico.**

**4 Em referência a Abul Ala Maududi (1903-1979), intelectual, religioso e político indo-paquistânês. Ele foi um dos principais promotores do islã moderno**

---

**NABIL MOULINE** é pesquisador no Centre d'études interdisciplinaires des faits religieux (CEIFR) na École des hautes études en sciences sociales (EHESS). É autor, entre outras, da obra *Les clercs de l'islam. Autorité religieuse et pouvoir politique en Arabie Saoudite (XVIIIe-XXIe siècle)* [Os clérigos do islã. Autoridade religiosa e poder político na Arábia Saudita (séculos XVIII a XXI)], Presses Universitaires de France (PUF), Paris, 2011. Ilustração: Samuel Casal. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, Março de 2015.**

### **A lista de Janot e os excrementos do vice (MALU FONTES)**

**SE HÁ** uma coisa da qual não se pode acusar o vice-governador da Bahia, João Leão (PP), é de não ter sido sincero em sua reação assim que soube que estava na lista (de acusados de propina) do procurador-geral da República, Rodrigo Janot. Leão entrou literalmente para os anais republicanos quando retrucou que estava “cagando e andando para esses cornos todos” (sic). Sim, não se sabe direito quem são os cornos, se Janot e seus assessores, se os membros do Poder Judiciário que o investigam, se a Polícia Federal, os delatores premiados ou se, na hipótese mais sincera, os eleitores que o criticarão por estar na lista. A coragem não chegou ao ponto de nominar os cornos.

Todo mundo sabe que acusado não é culpado. Mas todo mundo sabe mais ainda que é mais fácil ganhar na loteria sozinho com prêmio acumulado que apontar um político com sucessivos mandatos e cargos de poder no currículo que nunca tenha se beneficiado de alguma negociata, um acordo escuso ou que tenha financiado suas campanhas e aumentado seu patrimônio exclusivamente com dinheiro lícito. O jogo do poder é sujíssimo e, uma vez nele, a lógica parece assegurar que não há lugar para a assepsia. É por essas e outras que Lindbergh Farias, hoje senador pelo PT do RJ, o símbolo dos jovens cara-pintadas no impeachment de Fernando Collor, aqueles que iriam mudar o país, está hoje na mesma baciada de lama em que está seu velho antagonista, na mesma lista suja de acusados de corrupção em que está o ex-presidente que ele ajudou tanto a derrubar.

É pouco provável que os companheiros de partido e de lista de Leão pensem diferente dele quanto ao cagar e andar diante de acusações. O fato é que, entre todos, somente ele pronunciou tal escatologia, o que grudará mais em sua biografia que marca de nascença. Há certas coisas que a liturgia do cargo cassa dos ocupantes do poder o direito de fazer e dizer.

E uma vez fazendo e dizendo, não há volta. Não há nota bem escrita produzida por assessoria bem paga capaz de corrigir o estrago. Leão pediu desculpas numa nota irretocável. No entanto, quantos ficaram sabendo de uma frase sequer do texto do pedido de desculpas? Essa dificuldade das desculpas suplantarem o erro original é da natureza da vida. No mundo da política, então, adquire a ordem da impossibilidade quase plena.

### **Bonitona**

Embora não haja dúvidas de que Paulo Maluf, por exemplo, passará para a história como uma lenda da corrupção brasileira, passará também por um dia ter dito algo impronunciável por uma autoridade: "Se está com desejo sexual, estupra, mas não mata". Esse foi um conselho (indignado) dado por Maluf nos anos 80 a estupraadores que matam suas vítimas.

Das desculpas, ninguém lembra. O mesmo pode-se dizer de Martha Suplicy, com "relaxa e goza", de Antônio Magri com "cachorro também é gente", de Collor com "duela a quem duela", etc. Mesmo reiterando que sua fala se deu num momento de indignação e de até o governador sair em sua defesa considerando a fala uma reação normal de um homem honesto indignado, não há volta. A essa altura, a reação de Leão já virou meme nas redes sociais, com legendas que vão de Johnnie Lion a cão andarilho.

O vice baiano parece prezar as influências do bom e velho Odorico Paraguaçu. Um dia depois de ter dito que estava cagando e andando, se arrodeou todo de cor de rosa e espalhou pelas redes sociais uma imagem cheia de flores e laços para homenagear as mulheres em seu dia: "Parabéns Bonitona" (sic), pois Leão que é Leão não vai perder tempo com vírgulas. E o que dizer da expressão bonita? Vice-governador, não é por nada, não, mas o tempo das bonitonas era o das irmãs Cajazeiras. Foi-se. E em tempos politicamente corretos e de nome em lista, fica a dica: não é de bom tom esquecer as feias. Elas votam.

---

**MALU FONTES** é Doutora em Cultura pela UFBA, jornalista e professora de Jornalismo da mesma Universidade. **Jornal CORREIO, Março de 2015.**

### **'Soumission' (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

"**SOUSSION**" (Submissão) é o título do livro de Michel Houellebecq que fez muito barulho na época dos ataques de janeiro em Paris. Segundo a mídia, o autor teria suspendido o lançamento e saído da cidade por causa da infeliz coincidência entre o tema de seu novo livro e o ataque levado a cabo por terroristas islâmicos ao jornal "Charlie Hebdo" e a um supermercado de comida judaica.

Houellebecq, já famoso por "Partículas Elementares" (Sulina, R\$48, 296 págs.), é visto como um niilista. "Submissão" é uma tradução possível para Islã. Mas, quem leu o livro sabe que a trama transcende qualquer conceito da moda, do tipo "islamofobia", e constitui mais um exemplo brilhante de distopia, do tipo "1984" de Orwell ou "Admirável Mundo Novo" de Huxley. Estamos numa França pós 2020. A Fraternidade Muçulmana Francesa, partido semelhante ao que há hoje na Turquia e à fraternidade muçulmana egípcia, ganha a eleição.

O novo presidente é um elegante francês muçulmano moderado chamado Mohammed Ben Abbes, que recebe apoio no segundo turno tanto do partido de Sarkozy (UMP) quanto do partido socialista de Hollande e Valls, contra Marine Le Pen do Front National. Só que a França é, neste momento, um país rasgado por conflitos "identitários", como é descrito no romance. De um lado, grupos jihadistas, criticados pelo próprio Ben Abbes, e de outro, grupos radicais de direita, inspirados pelo Front National, que os critica também.

Le Pen tenta reconstruir a imagem de seu partido como um defensor do espírito iluminista, mas fracassa. A França cai nas mãos da Fraternidade pensando que, por ela não ser jihadista, não a submeterá a práticas islâmicas. O conceito de submissão no romance é cultural, e não político-militar.

O ceticismo com a política assola a população e o discurso de Ben Abbes encanta por sua moderação e sua chamada a valores "humanitários" como família, amizade, espiritualidade, e sua recusa do materialismo capitalista. O personagem principal, um intelectual especialista em literatura francesa do século 19, é um deprimido - como quase todo mundo, aliás. Esta questão é importante na trama: o ocidente se esgotou como "produtor de valores" e agoniza.

A França, representante deste modelo ocidental centrado no individualismo consumista e no narcisismo chique, está em pedaços. Os solitários, sem laços familiares ou afetivos duradouros, abraçam a Fraternidade Muçulmana como opção política e cultural de salvação. Ben Abbes é visto como um criador de valores. Uma nova França muçulmana, distante do materialismo capitalista e individualista, e que tem numa imaginária "Roma islâmica" seu projeto político, nasce em todas as instituições culturais francesas.

O foco da Fraternidade é a educação e a demografia. As mulheres são estimuladas à experiência da maternidade e "do cuidado com a vida" e as escolas ensinam o Corão. O desemprego cai porque as mulheres voltam para as casas e sobram empregos para os homens. Todos felizes. Na verdade, talvez, as pessoas gostem da submissão. Põe a vida em ordem. A universidade, agora chamada Université Islamique Paris-Sorbonne, é uma das aderentes mais imediatas ao projeto de islamização.

Dinheiro das petromonarquias árabes banham a vida de alguns professores "de carreira", na nomenclatura universitária (geralmente aqueles que privilegiam a carreira de poder institucional em detrimento a qualquer experiência intelectual de fato), garantindo que quem não se converte ao Islã perca o emprego ou tenha sua vida transformada num inferno. Os judeus, claro, fogem. É assim que acontece a submissão das pessoas em governos autoritários: o regime, através de seus agentes medianos e medíocres, torna a vida cotidiana de seus inimigos insuportável muito antes de empreender perseguições "espetaculares".

Instrumentos institucionais comuns como órgãos colegiados, conselhos sociais e afins, destroem a viabilidade de inserção profissional de seus adversários ideológicos. Submete-se uma pessoa tirando seu café da manhã, seu almoço, sua janta, sua TV a cabo e sua wifi. É o fim da Europa que conhecemos.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

## O valor da intimidade (ROSELY SAYÃO)

**NA SEMANA** passada, um vídeo postado na internet alcançou um número de visualizações enorme e foi parar nos noticiários. Para quem não viu, ele mostra a mãe de um adolescente - ela produziu o vídeo - dando chineladas no rapaz e o humilhando por ele ter filmado momentos íntimos com uma ex-namorada e passado a gravação para os amigos, que, claro, trataram de colocá-la na rede.

O vídeo foi enviado pela mãe do garoto à jovem que teve sua intimidade vazada na rede, com a intenção de mostrar a ela que, como mãe, não concordava com o que o filho havia feito e que o punira por isso. E o que a garota fez? Colocou o vídeo na internet, é claro! Saldo de toda a situação: três pessoas com a vida pessoal conturbada, criticada, e com a reputação enxovalhada sabe-se lá por quanto tempo. Desse episódio, escolhi dois pontos para deixar aos pais como reflexão. O primeiro deles é a questão da exposição pública dos filhos na rede. Já falamos a respeito de exposição e muita gente usou essa palavra para evitar que o filho recebesse alguma lição educativa importante para sua formação.

Dou exemplos: conheço mães que percebem que o filho pequeno costuma trazer da escola objetos que não são seus, mas não fazem com que o filho devolva os objetos para evitar sua "exposição". Também tenho conhecimento de vários pais que reclamam na escola de alguma sanção merecida recebida pelo filho, porque isso faz com que ele fique "exposto" perante os colegas. Ora, exposição do filho é colocar fotos e vídeos dele nas redes, por exemplo. Primeiramente, porque esse ato ensina - mesmo sem a intenção de fazê-lo - que isso é absolutamente seguro e normal.

Em uma sociedade que exalta a fama, mesmo sem motivo algum, pais e filhos adoram contabilizar visualizações de suas fotos e vídeos. O perigo reside no fato de que qualquer foto (ou vídeo) poderá ser ridicularizada(o) por várias pessoas e ser replicada(o) com um texto que muda totalmente o seu significado. É preciso ensinar aos filhos o valor da intimidade. Só assim eles terão a chance de chegar à vida adulta com discernimento para saber o que tornar público e o que manter privado. Já afirmei aqui e insisto: saber ter segredos é saudável e um indicativo de maturidade!

O segundo ponto que escolhi abordar é o castigo agressivo - físico ou verbal - que muitos pais aplicam aos filhos, na crença de que isso é educativo. Não! Quando um filho mente, furta ou faz algo como o garoto do exemplo citado inicialmente fez, o castigo que provoca sofrimento se transforma no centro da questão e o desvia, portanto, do ensinamento principal. Há atos que cometemos que afetam e prejudicam o outro.

É isso que crianças e jovens precisam aprender: que não devem afetar negativamente a vida, as emoções, a moral de uma outra pessoa, seja ela quem for, tenha ela feito o que for. Quando uma criança ou jovem recebe um castigo agressivo por ter cometido um ato que afetou o outro, o que ele pode aprender é o custo pessoal que isso lhe causa, mas não aprende a ter respeito, empatia e sensibilidade em relação aos outros.

A falta desses itens colabora bastante para que nossa sociedade seja do jeito que está: intolerante, agressiva e que trata com desprezo, rancor e desdém quem se mostra diferente do que consideramos o certo, o melhor, o necessário. Já sentimos na pele que viver assim não é bom. Então, que tal promovermos uma mudança?

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

## O grande pesadelo europeu (YAN BOECHAT)

**Cidades inteiras destruídas, bombas encravadas pelo chão, milhares de mortos. A guerra na Ucrânia faz o continente reviver histórias de horror da Segunda Guerra Mundial**

**NIKOLAY** Lebedovich passou boa parte da terça-feira 10 revirando os entulhos do que há poucas semanas havia sido sua casa. Após quase dois meses refugiado com parentes em um vilarejo próximo da fronteira com a Rússia, ele aproveitou o raro dia de sol forte e temperatura primaveril neste fim de inverno no leste da Ucrânia para ver o que havia sobrado

intacto entre os bens que juntou durante seus 39 anos de vida. Não achou quase nada. Na casa ficaram apenas algumas paredes de pé. Seu carro, um antigo Lada dos tempos soviéticos, se transformou em um monte de ferro retorcido.

Da moto que usava para pequenas viagens até a mina de carvão onde trabalhava, restaram apenas pequenas partes, espalhadas ao lado do automóvel azul. Tudo mais estava destruído. Não sobraram eletrodomésticos, móveis, fotos, roupas. Só lembranças. Assim como Nikolay, praticamente todos os moradores desta pequena vila de cerca de mil habitantes chamada de Nikishino fugiram quando os combates entre as forças separatistas da República Popular de Donetsk e o exército ucraniano se intensificaram no início do ano. Assim como ele, quase toda a população local teve suas casas destruídas pelas ferozes batalhas que marcaram a ofensiva separatista para a tomada de Debaltseve, um importante centro ferroviário no coração desta região da Ucrânia conhecida como Donbass.



**DESTRUIÇÃO - Nikolay (segundo da esquerda para a direita) observa o cenário de devastação em seu vilarejo após a batalha de Debaltseve**

A Ucrânia está mergulhada em um grande pesadelo e traz de volta cenas que os europeus não imaginavam reviver. Caminhar pelas ruas vazias de Nikishino é como entrar em uma espécie de cenário da Segunda Guerra Mundial. Por todos os lados há cartuchos deflagrados por fuzis, bombas que não explodiram encravadas no solo, grandes buracos feitos por morteiros, restos de comidas enlatadas que os soldados não conseguiram terminar, capacetes amassados e dezenas de lançadores de granadas largados pelo chão. No meio da destruição, gatos e cachorros que foram abandonados por seus donos vagam por comida. Quem esteve em Nikishino nos últimos dias preocupou-se apenas em recolher os corpos humanos. Os cadáveres dos animais domésticos permanecem nas ruas e no quintal das casas, fazendo lembrar que a morte é a cara da guerra.

Como nos piores pesadelos da Segunda Guerra Mundial, há muita gente que perdeu caminhando sem rumo pelas ruas, tentando retornar a um lugar que não reconhece mais. Mesmo com a frente de combate a apenas algumas dezenas de quilômetros da vila de Nikishiro, os moradores decidem que é hora de retomar a vida. O sol que derreteu a neve espessa nos últimos dias parece fazer com que os ucranianos acreditem que a primavera que se aproxima trará de volta a paz. "Se o tempo continuar assim, vou começar a reconstrução da minha casa logo, para que até o inverno já esteja pronta", diz Nikolai. "Não vou embora daqui, esta é minha terra, esta é minha casa."



**ALÍVIO** Cada morador de Debaltseve tem direito a um pão por dia. Acima à dir., moradores de vilarejos arrasados começam a retornar para suas casas

**LIMPEZA** Acima, morador de Nikishine retira lançador de granada do quintal. À esq., soldado separatista carrega imagem do russo Alexander Nevski

**FRUSTRAÇÃO E MEMÓRIA** O garoto Bogdan desistiu de se tornar um soldado. Alexei, ao lado, ainda se lembra de quando os alemães chegaram em 1941

Histórias de horror são ouvidas por onde quer que se ande, como se os fantasmas da Segunda Guerra Mundial voltassem a assombrar a Europa. A pouco mais de uma dezena de quilômetros dali, três tanques destruídos por foguetes disparados por lançadores de mão anunciam que Debaltseve se aproxima. A cidade de 25 mil habitantes foi o palco da maior e mais feroz batalha desta guerra que já matou mais de seis mil pessoas apenas em 2014. Formada em sua grande parte por blocos de apartamentos tipicamente soviéticos, Debaltseve não está em ruínas como Nikishino. Com uma população tão grande – e com boa parte dela recusando-se a partir – um rosário de tragédias marcou para sempre o lugar.

Alexei Omelayev era criança quando os alemães chegaram na região em 1941, na grande ofensiva da Operação Barbarossa. A chegada do exército nazista e a contra-ofensiva organizada por Joseph Stalin em 1943 voltaram à memória de Alexei nos mais de 40 dias em que ele viveu, com outras 50 pessoas, em um escuro, frio e apertado porão de um edifício de seis andares, entre meados de janeiro e o fim de fevereiro em Debaltseve. “Foi um período duro ficar naquele porão, sem luz, com pouca comida e com frio, mas ao menos sobrevivemos”, conta ele, deixando à mostra os dentes de metal que ocupam o lugar do que um dia foram os incisivos e caninos superiores. “Nosso edifício recebeu ao menos 12 disparos de artilharia diretamente e outras 20 bombas caíram aqui em volta. Pelo que me lembro, os alemão tinham pontaria melhor”, diz Alexei, ao lado do pequeno Bogdan Mikhaylov, um jovem de 12 anos que sonhava em ser soldado das forças especiais. “Tive muito medo, foi muito assustador, nunca mais quero passar por isso em minha vida, não quero matar os outros e nem morrer”, diz ele, que desistiu do sonho de um dia vestir uma farda.

Alexei e as cerca de cinco dezenas de pessoas que dividiram o apertado porão tiveram sorte. Apesar de não haver uma contagem oficial, a estimativa é que algumas dezenas de civis morreram na batalha de Debaltseve. Apenas entre soldados ucranianos que tentavam defender a cidade dos separatistas pró-Rússia acredita-se que cerca de 200 tenham perecido nos últimos dias de combates. Muitos desses corpos ficaram para trás na atabalhoada retirada do fim de fevereiro e, de acordo com moradores que permaneceram na cidade, serviram de alimento para as matilhas de cães que ainda perambulam pelas ruas destruídas desta cidade estrategicamente localizada entre Donetsk e Luhansk, as duas principais metrópoles controladas pelos separatistas.

## Zonas de combate

As cidades ucranianas onde os conflitos são mais intensos

### KHARKIV

Segunda maior cidade da Ucrânia, Kharkiv foi cenário de um atentado durante uma passeata nacionalista em 22 de fevereiro. Ao menos três pessoas morreram e mais de 10 ficaram feridos na explosão mais recente

### DEBALTSEVO

Há um mês, os separatistas afirmaram controlar a estação ferroviária e grande parte da cidade de 25 mil habitantes. A cidade é estratégica porque ligaria Donetsk a Lugansk num corredor de linhas de trem e estradas

### LUGANSK

Na mesma época em que os rebeldes tomaram Donetsk, o centro industrial de Lugansk também se declarou um Estado soberano. Juntas, as duas cidades são os principais focos do conflito



A menos de dois meses do início das comemorações oficiais dos 70 anos do fim da Segunda Guerra, a Europa teme que histórias como as de Alexei ou de Nikolai passem a se transformar em uma incômoda rotina. O cessar-fogo intermediado por Angela Merkel e François Hollande parece cada vez mais próximo do fim. No entorno do Aeroporto de Donetsk, separatistas e as forças armadas ucranianas permanecem em conflito constante.

Nos últimos dias, mesmo no centro desta moderna cidade de pouco mais de um milhão de habitantes, o som da artilharia pode ser ouvido, tanto durante a noite quanto durante o dia. "É como se o passado tivesse voltado para nos mostrar o que nossos pais e avós sofreram", diz Nadezhda Denshik, uma vendedora de seguros que, como quase todos em Debaltseve, perdeu o emprego depois do início da guerra. Na quarta-feira 11, Nadezhda aproveitou o dia de sol para limpar o jardim em frente à sua casa. Com uma tesoura de jardinagem, ela retirava as ervas daninhas que sobreviveram ao inverno e pedaços de estilhaços das bombas que caíram a poucos metros de sua casa. "Vou preparar a terra para plantar tulipas, tomates e pepinos", dizia ela. "Como nossos pais e avós fizeram, precisamos continuar a viver."

---

**YAN BOECHAT** é jornalista e escreve para esta publicação. **Revista ISTO É, Março de 2015.**

## **Uma causa para o dia 15 (EMYGDIO CARVALHO E RICARDO BORGES MARTINS)**

"**SE A** autoridade do rei ou magistrado provém originalmente e por natureza do povo - em primeiro lugar para o bem do povo, e não para seu próprio bem -, então o povo poderá, tantas vezes quanto julgar melhor, elegê-lo ou rejeitá-lo, mantê-lo ou o depor mesmo sem ser tirano, unicamente pela liberdade e pelo direito que homens nascidos livres têm de se governar como melhor entenderem."

Escritas por John Milton em meados do século 17, essas palavras não poderiam ser mais atuais. Em uma democracia, as eleições são o exercício maior dessa liberdade. O povo elegeu Dilma Rousseff, Renan Calheiros e Eduardo Cunha. E agora? Agora, no dia 15, inúmeros brasileiros irão às ruas protestar. Muitos dizem que será uma manifestação pedindo o impeachment da presidente da República. Em momentos de grande agitação política, costumamos recorrer ao remédio de alívio imediato. É a melhor solução?

Aplicados no momento certo e com diagnóstico preciso, remédios ajudam muito. Mas é preciso atacar as raízes dos males. Vivemos uma situação de muitas denúncias, nomes, quantias e delações. Queremos algo para a dor imediata. No entanto, o futuro virá. Ao país, melhor do que exigir a substituição de peças, seria compreender o porquê e a importância de alterar o sistema político. Se o poder, de fato, emana do povo, precisamos falar sobre esse processo, colocando em evidência as regras do jogo e seus efeitos.

O próximo domingo deveria ser dia de exigir um novo meio de influenciar a política. Entre todos os males de nosso sistema político, a raiz do afastamento e da indignação popular com a política está em nosso sistema eleitoral. Infelizmente, o sistema proporcional - modelo que adotamos para eleger deputados e vereadores - acabou dando à luz uma representação preguiçosa: uma soberania tolhida, de um lado, e um Poder Legislativo inerte, do outro.

O que se observa há tempos é um Congresso absolutamente alheio às demandas da população. As eleições deveriam servir a outro fim. Elas deveriam aproximar o eleitor do seu vereador e deputado e permitir que pudéssemos cobrar e fiscalizar melhor a atuação dos nossos representantes. Assim, poderíamos julgar e escolher melhor o desempenho dos nossos legisladores. O voto distrital tem, em sua essência, o cidadão no centro do poder político. Não é à toa que as maiores democracias do mundo adotam esse sistema. Nele, o eleitor é o protagonista. Com ele, será capaz de fiscalizar de perto e influir diretamente sobre o trabalho do eleito.

Na prática, o voto distrital é a implementação do sistema majoritário para as eleições legislativas. A eleição ocorre em regiões de mesma população, os distritos. Cada partido indica um candidato por distrito, e cada distrito elege um representante pela maioria dos votos. O eleitor sabe em quem votou, e o político sabe a quem prestar contas.

É simples? Exato. E por isso é poderoso. Por isso é democrático. Temos uma chance única no país de falar o que importa. É quase certo que nenhuma liderança partidária apontará o caminho, pois estão mais preocupados em apontar culpados. A liderança virá de cidadãos comuns que entenderam que eles mesmos são as pessoas pelas quais estavam esperando. Chegou o momento de darmos mais poder ao cidadão.

---

**EMYGDIO CARVALHO**, 30, administrador, e **RICARDO BORGES MARTINS**, 28, cientista social, são fundadores e codiretores-executivos do movimento #EuVotoDistrital. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## **Panelas para todos (MARCELO COELHO)**

**PASSAR** o fim de semana com filhos ainda pequenos (11 e 12 anos) não garante um alto coeficiente de atualização política. O que fiz no domingo? Particpei de um jogo de futebol pela manhã, almocei num restaurante (de classe média é que não era), insisti em banhos e lições para finalmente lastimar a derrota do São Paulo Futebol Clube (corintiano é que não sou).

Depois de uma intoxicação de videogames e seriados de TV, pedi o delivery (que não era da lanchonete da esquina) e curti, como tenho feito nestes dias, a chuva e a frente fria. Mas o que eram aqueles corintianos perturbando o meu

domingo? Conheço-os de outros jogos: expressam-se num vozerio pastoso, inarticulado, bezerral. "Chupa, Rogérioô", "Bambê, vai se f...", "Curintchaa". O barulho continuava um pouco além da conta; fui olhar pela sacada. No prédio vizinho, alguém apontava uma filmadora. Avisaram-me pelo interfone que a comida tinha chegado. Perguntei ao entregador se sabia o que estava acontecendo. Da moto, ele não tinha visto nada. Foi o porteiro quem explicou: a presidente Dilma discursava pela televisão. A gritaria não era de corintianos; era protesto contra o governo, numa rua residencial do Pacaembu. Muito bem. Se o que eu tinha ouvido for a voz da "elite branca", pensei, o país está mesmo perdido.

Mas é o que afirma, de bate-pronto, o lado pró-Dilma. Substitua-se o clichê "elite branca" pela expressão, mais neutra, "classe média alta". A frase fica mais verdadeira, mas nem por isso os seus pressupostos são inatacáveis. Na versão corrente, tudo seria expressão de um ódio de classes "jamais visto na história do país". Os protestos aconteceram em bairros de gente rica; nada se ouviu em Cidade Tiradentes ou Arthur Alvim. Quanto à "mídia", esta superestimou, com prazer, a manifestação. Há muita coisa errada, a meu ver, nesse conjunto de avaliações. O painel virou notícia não apenas porque a imprensa critica (como é sua função) o governo federal. Virou notícia porque foi surpresa, e foi aviso. Não é trivial que tanta gente atenda, simultaneamente, a conclamações do Facebook. A marcha marcada para domingo (15) começa a ser levada a sério. Ninguém protestou em Cidade Tiradentes? Que seja. Mas seria melhor se quem afirma isso estivesse escrevendo de lá.

Ser pobre não garante, de resto, altos índices de acerto na preferência política: o eleitorado de Tiririca não mora nos Jardins. E muitos dos defensores de Dilma são tão brancos, e tão de "elite", quanto os seus opositores. Até mais de elite, quando penso na troglodice e na vulgaridade do antipetismo. Ódio de classe? Em parte, sim. O preconceito contra Lula foi evidente. "Nunca antes visto na história do país"? É esquecer Vargas e Goulart. Há divisão entre pobres e ricos? Claro que há; estatisticamente, os mais pobres votam no PT. Mas é absurdo imaginar que sejam ricos todos os eleitores de Aécio Neves. Também podemos falar de divisão entre os mais e os menos instruídos. Bresser Pereira adota o primeiro critério e Fernando Henrique Cardoso, o segundo. Quem haveria de dizer que terminariam em posições opostas? A coruja de Minerva, como dizia Hegel, só levanta voo ao cair da noite. Essa também é a hora em que tucanos dão cabeçadas uns nos outros. Apesar dessas críticas aos dilmistas, não acho que o outro lado seja um primor em matéria de lógica.

Derrubar Dilma - que acabou de ser eleita - não me parece viável nem correto, mas pode fazer sentido para quem acredita que a presidente é responsável pela corrupção na Petrobras. Será mesmo esse o melhor resumo da história? Vale arriscar a possibilidade de um Temer, ou de um Lula de volta? O movimento faria sentido também para os eleitores de Dilma que se sentiram logrados com o ajuste recessivo. Mas são estes os autores do painel?

O antipetista, que criticava Guido Mantega, passa a criticar Joaquim Levy, seu inverso. Já o petista, que se descolava de Dilma, redobra agora seu apoio. Na luta "ética" e "antiortodoxa" para enfraquecer o PT, tucanos aplaudem Renan Calheiros e Eduardo Cunha. Eleitores de esquerda e de direita correm o risco de se ver traídos - seja por um petismo desfigurado e patético, seja por um peessedebismo moderado demais para o gosto da freguesia. Não é só Dilma: muita gente cabe na mesma panela.

## Curso de Redação

**MARCELO COELHO** é articulista da Folha de S.Paulo desde 1984. Fez mestrado em Sociologia pela USP e publicou, entre outros livros, 'Gosto se Discute' (Ática, 1994), 'Jantando com Melvin' ([ficção] Imago, 1998) e 'Montaigne' (série Folha Explica, Publifolha, 2002). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

### "O gato se tratava do companheiro..." (PASQUALE CIPRO NETO)

**QUER** a frase inteira, caro leitor? Lá vai: "O gato se tratava do companheiro perdido de Daniela". E então? Isso é palatável, inteligível? Parece que sim. Com pouco esforço, entende-se o que se quis dizer: o tal gato era o companheiro perdido de Daniela ou o tal gato perdido era o companheiro de Daniela. Até aí, tudo bem, mas não podemos nos contentar com a simplória e tosca tese de que o que importa é comunicar.

No padrão formal da língua, construções com o verbo "tratar" empregado com o sentido que ele tem na frase citada costumam apresentar estrutura diferente, mais ou menos como se vê neste caso: "A roubalheira na Petrobras vem de longe, muito longe. Trata-se de um dos tantos 'esquemas' que abastecem barrigas já suficientemente sebosas". Como se vê, o verbo "tratar" foi empregado com o pronome "se" e na terceira do singular, o que ocorreria mesmo que o termo posterior ao verbo estivesse no plural: "Trata-se de problemas insolúveis, que existem desde que Cabral chegou".

É claro que o caro leitor já leu e já ouviu gente graúda dizer "Tratam-se de problemas insolúveis". Não custa lembrar que, na tradição da língua, verbos que regem uma preposição ("de", no caso) ficam na terceira do singular quando associados ao pronome "se" em construções em que se indetermina o agente do processo expresso pelo verbo: "Precisa-se de operários", "No Brasil, ainda se confia em malandros engravatados"; "Trata-se das velhas práticas dos comandantes das capitâneas hereditárias" etc.

Voltemos à construção citada no início. No padrão formal, ela assumiria outra forma, algo como "Trata-se do companheiro perdido de Daniela". E o gato? Certamente teria sido citado antes, o que bastaria para que se soubesse do que se falava. Se for preciso, volte ao exemplo do segundo parágrafo. E como se explica a construção citada, cada vez mais frequente nos noticiosos escritos e nos que se ouvem no rádio e na TV? Uma das possibilidades é a pura e simples substituição do óbvio pelo "chique": "O gato perdido era o companheiro de Daniela". Simples assim, não?

Outra possibilidade se explica por um fato linguístico muito comum: a retomada de um elemento (o gato, no caso) já citado e situado no texto e no contexto e que, por isso, não precisaria mais ser citado, mas... Mas talvez o falante sinta necessidade de citá-lo novamente, e aí surgem construções como a analisada. O caso não difere muito de outro, que circula há um bom tempo: "O presidente do PT, ele disse que o panelaço foi articulado por...". Melhor nem continuar. Essa declaração conseguiu ser mais estúpida, burra e vil que o panelaço. Quanto à construção em si, esse "ele" se explica pela necessidade de confirmar, ressaltar o elemento do qual se fala.

É bom deixar bem claro: no padrão culto, sobretudo na escrita, esse "ele" (ou "ela") é inadequado. Quanto ao verbo "tratar", não custa reafirmar: no padrão culto, não se cruza a construção que ocorreria com o verbo "ser" ("O gato perdido era o companheiro de Daniela") com a que ocorreria com "parecer" ("Tratava-se do companheiro de Daniela", caso em que o gato certamente já teria sido citado).

Em suma, nada de "A roubaheira atual trata-se apenas de mais uma...". Vá ao simples e correto: "A roubaheira atual é apenas...". E não se esqueça de manter o verbo "tratar" no singular nos casos citados: "Trata-se de velhos corruptos da triste política tupiniquim". É isso.

---

**PASQUALE CIPRO NETO** é Professor de português desde 1975 e também colunista semanal desta publicação. É o idealizador e apresentador do programa *Nossa Língua Portuguesa*, transmitido pela Rádio Cultura (São Paulo) AM e pela TV Cultura, e do programa *Letra e Música*, transmitido pela Rádio Cultura AM. E-mail: [inculta@uol.com.br](mailto:inculta@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

## 'Para Sempre Alice' (CONTARDO CALLIGARIS)

**QUANDO** eu era menino, não se falava em alzheimer. As pessoas idosas "perdiam a cabeça" por causa, dizia-se, da arteriosclerose. Será que era alzheimer? Estudos recentes mostram que a esclerose no polígono de artérias que suprem o cérebro é um fator facilitador para o mal de Alzheimer. A fronteira entre o mal e as "outras demências" é incerta.

Segundo o site "[www.alzheimer.org](http://www.alzheimer.org)", 5 milhões de norte-americanos com 65 anos ou mais vivem com a doença. Proporcionalmente, o Brasil deveria ter 3 milhões de pessoas sofrendo de alzheimer. Mas os números, aqui, são incertos: segundo o Instituto Alzheimer Brasil ([www.ins.tituloalzheimerbrasil.org.br](http://www.ins.tituloalzheimerbrasil.org.br)), na ausência de dados seguros, "podemos estimar que 1,2 milhão de pessoas sofrem com a doença, cerca de 100 mil novos casos por ano".

Bom, o alzheimer afeta os idosos, e, no Brasil, a vida é mais curta do que nos EUA. Além disso, é provável que, fora dos centros urbanos e nas classes menos favorecidas, o mal seja subdiagnosticado. Afinal, não existe um marcador do alzheimer; portanto, não há um simples teste que permita diagnosticá-lo claramente (a não ser depois da morte do paciente, na hora da autópsia), e o diagnóstico clínico passa por uma bateria de testes de memória administrados e interpretados, em tese, por um neuropsicólogo.

Seja como for, calcula Drauzio Varella: "Para quem chegou aos 65 anos, o risco futuro de surgir Alzheimer é de 12% a 19% no sexo feminino; e de 6% a 10% nos homens" (<http://migre.me/oXWcX>). Mais um fato: numa minoria de casos (menos de 5%), o Alzheimer se manifesta antes dos 65 anos (às vezes aos 50, aos 40 ou mesmo aos 30). Nesses casos, a doença é genética (e existe um teste para identificar o gene responsável por ela). Embora medicamentos e condutas possam atrasar sua progressão, o mal de Alzheimer não tem cura. E, envelhecendo, todos esperitam sua aparição com inquietude.

É possível temer o alzheimer mais do que a morte. Imagine uma tortura em que, a cada dia, são recortados alguns pedaços do seu corpo; ao longo desse suplício, continuaríamos sendo nós mesmos, até que perderíamos a consciência e a vida. Pois bem, a progressão do Alzheimer, recortando memórias, não oferece essa garantia, mas confronta sua vítima com a pergunta incessante: "Quando deixarei de ser eu?". O paciente de alzheimer é obrigado a filosofar sobre os limites da pessoa humana. Se não consigo me lembrar de minha vida, se não reconheço mais os rostos ao redor de mim; se, no meio de uma ação, esqueço-me das intenções que a motivaram, o que me permite dizer que eu ainda sou eu?

As brincadeiras sobre os pequenos esquecimentos cotidianos dos idosos mal escondem nosso medo de perder nossa história e a familiaridade de nossos afetos. Com alguns amigos, aliás, praticamos uma espécie de exorcismo: quando um de nós esquece uma data, as chaves, o celular etc., o outro questiona: qual é mesmo o nome daquele médico alemão? Quando alguém se pergunta: "quem é esta pessoa que acaba de acordar do meu lado e me faz carinho?", a situação só é engraçada para esconder o horror desse estranhamento.

Circulam piadas sobre as "vantagens" da demência. Se não me lembro do passado e não tenho futuro, o que vai importar, por uma vez, será o meu presente, não é? Ou ainda: o esquecimento de nossos atos é o sonho de qualquer neurótico - que culpa tenho eu, se não sou o mesmo do ontem? Não seria maravilhoso viver cada experiência como se fosse a primeira vez? É um bom jeito para não pensar na angústia de quem, parado na padaria da esquina, não reconhece o caminho de casa. Ou de quem se pergunta porque quis tanto telefonar e está agora com o controle remoto da TV na mão.

Lisa Genova é doutora em neurociência pela universidade Harvard, mas sua paixão é a ficção. No passado, escreveu "Nunca Mais, Rachel" (Nova Fronteira, R\$39,90, 287 págs.), que conta a história de uma mulher depois de um acidente cerebral. E, em 2007, publicou "Still Alice", ou "Para Sempre Alice" (também Nova Fronteira), que conta a história de uma

mulher diagnosticada com alzheimer precoce. O livro é hoje um filme, de Richard Glatzer, com Julianne Moore no papel de Alice (que lhe deu o Oscar de melhor atriz em 2015).

O livro e o filme são ambos imperdíveis, porque o "tour de force" de Genova consiste em contar a história na terceira pessoa, mas realmente na perspectiva de Alice. Graças a ela, enxergamos, por uma vez, uma experiência e um sofrimento com os quais em geral, preferimos brincar.

---

**CONTARDO CALLIGARIS** é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

## O ASSUNTO É PAPA FRANCISCO

### Um pontífice comunista? (RODRIGO COPPE CALDEIRA)

**DESDE** que Jorge Mario Bergoglio chegou à cátedra de Pedro, em 13 de março de 2013, as perguntas sobre quem é ele não cessam. Seus pronunciamentos, vários dos quais proferidos de improviso, fazem muita gente arregalar os olhos diante de uma liberdade inesperada vinda do chefe supremo da Igreja Católica, tida como rígida e austera.

Seu pensamento é fortemente assinalado por temas que giram em torno da reforma da Igreja e da exclusão social. A insistência corajosa sobre a questão da pobreza e a busca de uma "Igreja para os pobres" são uma constante em seus discursos e homilias.

Sua trajetória como padre numa grande cidade latino-americana, assinalada por inúmeras contradições econômicas, certamente o marcou de maneira indelével --as caminhadas por periferias e favelas de Buenos Aires e sua busca pelo sofrer junto apontam para uma existência voltada para a caridade e a compaixão, fundamentada no Evangelho. Essa orientação para o social suscitou críticas; o papa Francisco foi chamado até mesmo de comunista, ao que rebateu dizendo que os comunistas roubaram uma bandeira que é do cristianismo: "a bandeira dos pobres é cristã" e "os pobres estão no centro do Evangelho".

O comunismo já foi analisado como "religião política" por alguns estudiosos do século 20. Ele seria uma perversão da escatologia cristã (a doutrina sobre o fim dos tempos), segundo a qual o reino de Deus seria alcançado no mundo, aqui embaixo, e não mais no céu, aquele opoide para alienar as massas. A confusão não é nova. No final dos anos 1940, o padre belga Joseph Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica (JOC), visitou o Rio de Janeiro. Era o início da Guerra Fria e vivia-se na região a emergência de um combatente movimento anticomunista.

Numa entrevista à revista semanal "Témoignage Chrétien", Cardijn teria dito que, se o papa Pio 12 visitasse alguns países da América Latina e proferisse seu ensinamento, possivelmente seria denunciado como comunista e levado à prisão. Apesar de ter se sentido na obrigação de escrever textos para aplacar as represálias sofridas em resposta a seu pronunciamento, Joseph Cardijn não retrocedeu no seu julgamento de fundo. É evidente que o papa Francisco não é comunista. Mas certos sujeitos e grupos o veem como tal. Essa visão fica clara com uma simples volta pela web: a ideia vige em textos jornalísticos da imprensa internacional, das mais variadas tendências; em blogs e postagens nas redes sociais, à direita e à esquerda do espectro político.

A direita vê seus discursos sobre a exclusão e a justiça social como "coisa de comuna". Esquece-se, assim, do Evangelho. Em relação aos aspectos internos da Igreja, devido a seu ímpeto reformista, que os setores conservadores desejariam barrar, interpreta-o como "destruidor da tradição". Isso nasce do entendimento de que tradição é fixidez. A esquerda, por seu turno, o enxerga como o porta-estandarte de suas causas, um justificador de suas posições políticas. Além disso, quer um papa que "mude a Igreja", um "revolucionário" - seu fetiche tradicional (em que pese a possível contradição entre os termos). Imagina uma Igreja sem hierarquia, "espiritual", bem aos moldes da heresia dos

Irmãos do Livre Espírito, que fez sucesso na Europa medieval. O magistério eclesiástico, conhecido como a doutrina social da Igreja, é objetivamente ignorado nesse movimento de cooptação ideológica que percorreu todo século 20 e continua a fazer seu curso.

Francisco - algo que muitos fingem não saber - tem muito claro que a "Igreja para os pobres" não pode e não deve se confundir com partidos e regimes políticos, independentemente da natureza que tenham. Basta ver aqueles católicos latino-americanos que deliram de prazer com a ditadura castrista.

---

**RODRIGO COPPE CALDEIRA**, 37, historiador, publicou "Os Baluartes da Tradição: O Conservadorismo Católico Brasileiro no Concílio Vaticano II" (Editora CRV). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

## O ASSUNTO É PAPA FRANCISCO

### Na liberdade do Espírito (FRANCISCO CATÃO)

**QUE** significa realmente Espírito? Descartes e Hegel o entenderam a seu modo. Marx o acaba negando, no que é seguido por diversas correntes que concebem o agir humano sem lhe reconhecer qualquer motivação que não seja histórica. Com isso, desconhecem a liberdade, que é de ordem espiritual, qualidade do próprio agir humano.

No calor das disputas atuais sobre a liberdade de expressão, todos nos interrogamos sobre como proceder. O atentado ao "Charlie Hebdo" nos forneceu exemplos recentes. Vendo como se reúnem pessoas das mais diferentes culturas, etnias e tradições em manifestações ecléticas, sem que tenham aparentemente nada em comum, Contardo Calligaris conclui que "para se reunir, é MELHOR que a gente NÃO compartilhe uma certeza absoluta" - como escreveu em sua coluna nesta Folha, em 15 de janeiro último, falando do ato terrorista.

Outro colunista, no dia seguinte, esvazia a expressão de que se serviu o papa Francisco para se posicionar em face dos acontecimentos (Reinaldo Azevedo, em "Francisco, por que não te calas?"). Respirando esse clima, esse espírito, digamos, sem aceitar, de verdade, o desafio da diversidade e do convívio pacífico e colaborativo com os outros, numa visão materialista do mundo, reivindica-se a liberdade de expressão, mas não se suportam opiniões diferentes das próprias nem a simplicidade evangélica da linguagem pastoral do papa. Diante de interpretações contraditórias, nos perguntamos: por quê?

Parece nos faltar a liberdade interior, do pensamento e do coração, para discernir o Espírito em que fala Francisco, que é o Espírito do Evangelho, a boa nova de Jesus assinalada por Mateus, na abertura de seu primeiro grande discurso: as bem-aventuranças (Mt 5,3-12) Não é, de fato, fácil discernir os espíritos. Até teólogos de formação ou analistas da política eclesial, ofuscados pelo fascínio da realidade social e política, a que parecem dar valor máximo, não compreendem Bergoglio. Descaracterizam seu pensamento de total fidelidade ao Espírito de Jesus.

Francisco, sem se enfeudar em nenhuma teologia atrelada a objetivos políticos ou revolucionários, coloca-se sempre na perspectiva evangélica. Comprova-o a denúncia das "tentações" a que estamos sujeitos na Igreja, quando exortou colaboradores imediatos à fidelidade ao Evangelho, na fala de 22/12/14. Não se pode conceber a democracia sem o espírito de respeito a todos, reconhecendo-lhes o direito de se manifestar civilmente, sem o que ela passa a ser, de fato, oligarquia - ou, ainda pior, tirania do pensamento único, opressão institucional, que se manifesta pela fala, pela agressividade ou pela força policial. Recursos que não nos são estranhos e que têm muito em comum, do ponto de vista do espírito.

Nem sempre Francisco tem sido compreendido. O fato de não concordarmos com ele, porém, não nos autoriza dizer que se cale, principalmente porque procura falar a todos, que de algum modo, buscamos a liberdade, na Igreja sem fronteiras, como disse aos migrantes, na mensagem de 3/9/14. Convoca-nos a agir com Espírito, no respeito ao outro, o que é uma exigência do amor, manifestando-se em atos concretos de compreensão, de perdão e de acolhimento.

---

**FRANCISCO CATÃO**, 87, doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo, é conselheiro do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP. Autor, entre outras obras, de "Crer no Espírito Santo" (EDB). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2015.**

### "Negar a luta de classes é negar a realidade", diz Mujica (Entrevista concedida a IGOR CARVALHO e VINÍCIUS GOMES)

**Pregando a união da América Latina e atacando o consumismo, o ex-presidente uruguaio alerta para os novos métodos da direita**

**APÓS** vinte e cinco minutos de viagem até a periferia de Montevidéu, uma pequena rua de terra se revela e corrobora o mito da simplicidade de seu morador mais ilustre. Manuela corre como se tivesse quatro patas, ignorando que uma é inválida. Na frente de um galpão, abastecido com material de construção, há dois grupos.

O primeiro se forma em torno do cineasta sérvio Emir Kusturica. Ele grava um documentário sobre a vida de nosso anfitrião, que se chamará *O último herói*. O diretor, arredio, reconhecido e premiado em todo mundo, parece um anônimo caminhando pela chácara, sem ser incomodado. Já o segundo grupo está animado, são funcionários do ex-guerrilheiro de um dos mais importantes movimentos da história da América Latina, o Tupamaros. Um dos homens se afasta da reunião e anuncia: "O presidente já vai receber vocês".

Ele atrasa vinte minutos em relação ao horário marcado, estava ajudando na obra da escola agrária que será erguida em seu terreno. Vestindo uma calça de agasalho da seleção uruguaia e uma chuteira de futebol de salão, nos convida para sentar na frente de sua casa. Nos sentamos em um banco feito por internos de um hospital psiquiátrico de Montevidéu, todo ele ornado com tampas de garrafas de refrigerante. O mesmo assento e espaço foi ocupado três dias antes, sob as mesmas condições, pelo rei da Espanha, Juan Carlos, que passou a tarde com o ex-presidente.

No fundo da casa, a última das lendas se confirma. Está lá o automóvel azul, um dos poucos patrimônios do ex-mandatário uruguaio, seu Fusca. Ele defende a propriedade. "Por que eu vou querer andar mais rápido que 80 km/h? É um perigo. Não há impostos [do carro]. Por que andar mais rápido? Se vou morrer do mesmo jeito, que pressa eu tenho?"

José Alberto Mujica presidiu o Uruguai de 2010 até o último dia 1º de março. Dois dias depois foi empossado como senador. Aos 79 anos, caminha com a tranquilidade de quem saiu do governo com 65% de aprovação e trouxe a mídia do mundo inteiro para dentro do país.

Pelas ruas do Uruguai, já é tratado como um mito. "Ele é maior que o Papa", diz um entusiasmada garçone. Para uma jornalista, "toda utopia se torna verdade na boca de Mujica". Na posse de seu sucessor na presidência uruguia, Tabaré Vázquez, bandeiras da Colômbia, Argentina e Brasil com os mesmos pedidos, que Mujica "assuma" os países vizinhos. "Estou aqui porque ele nos inspira a querer ter uma vida mais humana, combatendo o capitalismo e ajudando os mais pobres", afirma a mulher que carrega a bandeira do Chile.

Em entrevista exclusiva à **Fórum**, Mujica dispara contra o consumismo e mostra como se tornou um dos grandes oradores contemporâneos, com discursos que arrebatam a juventude pelo mundo. "Quando você vai comprar algo, não paga com dinheiro, paga com o tempo de sua vida que teve que gastar para ter esse dinheiro. Todavia, se tem muito dinheiro, tem que gastar tempo em controlá-lo e [cuidar para] que não te roubem. E, ao final, és um pobre escravo que já não tem tempo para viver", filosofa o ex-guerrilheiro, que se casou com uma companheira de luta, hoje senadora pelo Uruguai e favorita às eleições municipais de Montevidéu, Lucía Topolansky.

Mujica, que ficou preso por 14 anos durante a ditadura militar uruguia, empreendeu durante seu governo mudanças profundas no sistema do país. O agora senador conduziu o Uruguai para a esquerda e tornou possível a concretização de pautas históricas relacionadas a direitos civis, como a despenalização do aborto, a regulamentação da produção e venda da maconha, a Lei de Meios e o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

"Reconhecemos o matrimônio igualitário porque acontece em todo mundo e é estúpido não reconhecê-lo. Tratamos de combater o narcotráfico pela via da regulamentação do mercado, não que estejamos de acordo com o consumo de droga. Porém, pior que a maconha, é o narcotráfico... Esse critério, tratamos de abrigar em todas as políticas, reconhecer a realidade, por mais que não te agrade, porque reconhecê-la é tratar de retirar os efeitos negativos que aquela realidade pode ter. Olhe, isso nem é de esquerda, isso deveria ser o senso comum", afirma Mujica.

Confira, na íntegra, a entrevista com o líder político uruguia, que faz parte do "Bora para o Uruguai", projeto que viabilizou a viagem de **Fórum** ao país com o apoio de leitores da publicação.



**"Quando você vai comprar algo, não paga com dinheiro, paga com o tempo de sua vida que teve que gastar para ter esse dinheiro", repete Mujica**

## **Ouvimos de uma jornalista, aqui em Montevideu, que "o que é utópico, na boca de Mujica, parece ser verdade". O que é a utopia para você?**

A utopia é um caminho. É como uma luz no horizonte que nos ajuda a percorrer esse caminho, e eu diria: que caminho longo... Porém, é um caminho a ser feito. Não podemos esquecer dela, mas a vida concreta não é utopia, é luta. Não devemos substituir a luta tendo como consolo ser fiel à utopia, porque, senão, terminamos sendo charlatões.

## **Qual é o papel de Lucía Topolansky em sua vida, como companheira e como personagem política no Uruguai?**

O que acontece é que o amor tem idade nos seres humanos. Quando se é jovem, é possível que seja uma paixão, quando se está envolvido na luta e ela é muito dramática, o amor também é um refúgio. Na minha idade, o amor é uma luta cotidiana. É difícil viver sozinho. Mas minha companheira também é militante e também está comprometida [*com a política*], pois, ao contrário haveria dificuldades. É difícil uma vida de um militante se a outra pessoa que compõe sua vida não o acompanha ou não tem compromissos sociais.

## **No mundo inteiro há uma crise de representatividade de figuras e partidos políticos, mas isso não ocorre com a sua figura, que as pessoas querem tão bem. Por que acha que isso acontece?**

Acho que uma explicação simples é que a república apareceu no mundo para negar o direito divino da monarquia e o direito de sangue da nobreza. A república veio para dizer que, basicamente, todos os homens são iguais. E que, como tal, temos as mesmas possibilidades e os mesmos direitos.

Porém, dentro da república, se repetem algumas ações que são de outra época. Então, a presidência tende a se assemelhar um pouquinho à monarquia: tem o tapete vermelho, tem uma corte, tem um mecanismo que a cerca. E isso é um incentivo para o presidente e a alta hierarquia do Estado viverem – sem se dar conta – de forma diferente de como vive a maioria daqueles que eles lideram. Desta forma, cria-se uma distância. Começam a viver como a minoria, como a minoria privilegiada. E essa distância, no modo de viver, nos costumes e das relações, o povo as nota, o povo as percebe quase que subjetivamente. Começa o descrédito e o "não acreditar" [*nas instituições políticas*]. Isso é muito perigoso, porque o homem é um animal utópico. No DNA do homem, está inscrita a necessidade de acreditar em algo.

Por que lhes digo isso? Em todas as cidades, em todas as épocas, em algum momento, os homens inventaram alguma religião para crer – e não há utopia maior que a religião. Isso você vai encontrar em todas as partes do mundo e em todas as épocas. Na sociedade moderna, quando as pessoas começam a ser pressionadas pelo mercado e não creem naqueles que as governam, não querem outra coisa a não ser o refúgio individual, com cada um pensando em si próprio e os demais não importando. E esse é o trunfo do egoísmo: a falta de credibilidade acaba por acentuar o egoísmo das pessoas. Perde-se o mínimo sentido de solidariedade e produz-se esse flagelo que é a sociedade moderna, que possui uma riqueza como nunca antes, e mesmo assim, ainda não tem nada para compartilhar.

Creio que privilegiamos demais a ideia de que a troca material determina a mudança do homem e não temos dado o papel devido à cultura e aos costumes nessa batalha. Até podemos ter um pensamento socialista ou socializante, porém, seguimos tendo uma cultura de conduta capitalista, da qual não damos conta. Nesse terreno, a disputa não está estabelecida, então nos movemos em uma sociedade de mercado e aqueles que estão contra isso, estão contra apenas do ponto de vista conceitual, pois suas vidas estão [*nesse sistema*] como se fosse em uma teia de aranha. Se você tem filhos, mas seus filhos veem que seus amigos ganharam brinquedos novos, isso vai te pressionar.

## **O senhor nos disse agora que "toda pessoa tem que crer em alguma coisa". No que o senhor crê?**

Eu creio na vida. E, ao crer na vida, creio na necessidade de gastar a maior parte de energia possível para favorecer a vida dos demais. Isso é uma forma utópica de lutar contra a morte. Quero lutar para que os que ficarem tenham um destino melhor do que nós tivemos. Mas, no fundo, provavelmente, o que fazemos traz o desejo de deixarmos algo de nós no destino de nossos irmãos. Quando dizem que eu sou um "presidente pobre", não sou. Sou sóbrio em minha forma de vida, pobre é quem precisa de muito. Esse é pobre. Levo minha vida como na definição de Sêneca.

## **E sobre o culto a sua imagem, o que pensa?**

Hoje, na sociedade, tudo tende a ser midiático, pelo menos o que é diferente. Isso se difunde porque meu comportamento é distinto em relação ao que fazem os outros, então chama a atenção. Mas isso pode ser muito perigoso, se alguém passa a levar a sério e acredita que pode tirar vantagem disso. Na realidade, isso reflete um problema que está ocorrendo no mundo. Você encontra um tipo raro que se torna presidente, mas vive como vive a parte maior de seu povo. Isso chama a atenção e se torna uma doença. O que deveria chamar a atenção é como vivem os outros, porque isso não é republicano, isso é de sociedade aristocrática.

## **Acredita que a luta de classe é ainda o estruturante do capitalismo?**

A luta de classes é como o sol e como as estrelas. Negá-la é negar a realidade. As classes sociais estão em toda a parte. Como a encaramos, tem muito a ver em como se segue um filme, como se segue o desenvolvimento da vida. Particularmente, creio que na América [*Latina*] estamos em uma etapa de liberação. O que significa a "liberação"? Tirar o

nosso povo da pobreza e ter sucesso em uma margem da cultura, conhecimento e capacitação. Isso não significa superar as classes sociais, significa preparar o terreno. Não acredito que podemos criar sociedades mais justas a partir de países pobres e massivamente analfabetos – apesar de sabermos escrever, o que digo é com uma cultura muito rudimentar. O que não significa que, se um país for rico e tiver massificado o conhecimento e a cultura por toda uma juventude, vamos construir uma sociedade melhor. Não. Precisa-se de outras coisas.

Posso ser mais claro: as tentativas de se construir países socialistas a partir de países pobres, em minha humilde opinião, demonstraram que são utópicas e impossíveis – mais que utópicas, são quiméricas. Mas isso nós não sabíamos, tivemos que tentar. Por isso, digo que a América Latina está em uma etapa de liberação. Isso significa que temos que apoiar o ingresso da população, incluindo os setores da burguesia, pois precisamos de desenvolvimento, necessitamos de meios materiais. O reforço universitário nós temos que multiplicar por cinco, por dez. Não devemos trancar a economia. Mas não pensemos que só porque a economia pode prosperar, teremos uma sociedade melhor. Enquanto estivermos sendo orientados pelo mercado, estamos perdidos. Pois bem, fizemos nossa parte. O socialismo em um país pequeno como o Uruguai é algo mais que quimérico.

### **E quanto a essa palavra que agora se usa em toda parte: austeridade?**

Não, não quero mais usar essa palavra. Sou sóbrio. Porque deixar muitas pessoas sem trabalho na Europa é ser austero. Não, austeridade eu não uso mais, porque mata as pessoas de fome, as deixa sem trabalho... Isso não é austeridade. Isso é outra coisa, é miséria. O que é o conceito de sobriedade? É consumir o necessário. É andar sem acúmulos. É ter poucas coisas e não se deixar arrastar pela propaganda de mercado. Para que? Para tentar ter disponível a maior quantidade de tempo para gastar nas coisas que ainda me motivam. Se consumo muito, se fico comprando permanentemente coisas novas, tenho que ganhar muito dinheiro, e para ganhar esse dinheiro estou pagando com meu tempo de vida. Quando você vai comprar algo, não paga com dinheiro, paga com o tempo de sua vida que teve que gastar para ter esse dinheiro.

Ser sóbrio é lutar para aproveitar aquilo que chamamos de liberdade. Você só é livre quando faz coisas que te agradam e te motivam. E não são livres quando tem que trabalhar para fazer frente às necessidades materiais – se você as torna infinitas, é infinito o tempo que terá que trabalhar. Todavia, se tem muito dinheiro, tem que gastar tempo em controlá-lo e [cuidar para] que não te roubem. E, ao final, és um pobre escravo que já não tem tempo para viver. Deve-se gastar tempo para fazer as coisas que se gosta. Para uns pode ser jogar futebol, a outros pode ser ir à praia, ou trabalhar com árvores, namorar... Isso é liberdade, mas para isso tem que se ter tempo.

Parece mentira isso? O capitalismo luta para lhe roubar todo o tempo, e o que rouba é seu tempo de vida. Você tem que melhorar a produtividade, aumentar o rendimento de trabalho, existe a competitividade, e por aí vai. Então, o que [o capitalismo] quer é que termine sendo um velho que gastou a vida toda trabalhando e consumindo. E nós não devemos lutar por uma utopia de que em algum dia teremos uma sociedade melhor, temos que lutar para que as pessoas vivam mais felizes hoje, não dentro de 50 anos. Que vivam mais felizes hoje, e para isso tem que ter tempo.

Não digo que as pessoas não tenham que trabalhar, pois quem não trabalha está vivendo às custas de outro que trabalha. O que quero dizer é que a vida não é somente para trabalhar e o que o capitalismo quer é que a vida seja para trabalhar, consumir e tchau. E nós devemos lutar para que a vida seja a mais feliz possível, pois é a única que se tem. Este é um terreno que entra na filosofia e, porque somos de esquerda, não podemos ter a filosofia deles, de que a vida é só para produzir, trabalhar, consumir e se enterrar. Não. Há uma margem para trabalhar, por isso o conceito de sobriedade implica aprender a andar com a bagagem leve. Não me fazem comprar qualquer coisa.

Eu uso um Fusca. Por quê? Por que eu vou querer andar mais rápido que 80 km/h? É um perigo. Não há impostos [do carro]. Por que andar mais rápido? Se vou morrer do mesmo jeito, que pressa eu tenho?

### **Qual o balanço que o senhor faz desses cinco anos na presidência do Uruguai?**

Fizemos muitas coisas. Porém, hoje, há ainda 0,5% das pessoas na miséria. Isso dito assim, são só números, mas atrás dessas cifras há vidas humanas. Pudemos fazer muitas coisas que avançaram nos direitos sociais, conseguimos ampliar as liberdades. Reconhecemos o matrimônio igualitário, porque acontece em todo mundo e é estúpido não reconhecê-lo. Tratamos de combater o narcotráfico pela via da regulamentação do mercado, não que estejamos de acordo com o consumo de droga. Porém, pior que a maconha é o narcotráfico. A maconha é perigosa se consumida em excesso, por isso é necessário tê-la regularizada e não ter o consumo clandestino.

Vou ser mais claro: se eu tomo dois ou três uísques por dia, não será bom, mas é suportável. Agora, se tomo uma garrafa por dia, vou morrer de coma alcoólico. Esse critério, tratamos de abrigar em todas as políticas, reconhecer a realidade, por mais que não te agrada, porque reconhecê-las é tratar de retirar os efeitos negativos que aquela realidade pode ter. Olhe, isso nem é de esquerda, isso deveria ser o senso comum.

### **O governo uruguaio priorizou as relações com os países da América do Sul. Porque acredita que devemos priorizar essas parcerias aos acordos com Europa e EUA?**

Nós vivemos muito tempo mirando os EUA e a Europa, sem olhar para nosso continente. O mundo está se confirmando como um sistema de muitas unidades reunidas. A Europa está em crise, mas ainda mantém um bloco forte. A China é um velho Estado multinacional. Os EUA seguem sozinhos, porém, com uma terra prometida quase vazia ao lado, que é o Canadá. Nós, os latino-americanos, se queremos ter algum peso nesse mundo que vem, temos que nos dar conta de que individualmente não vamos a lugar algum – mesmo países grandes como o Brasil, sozinhos, não vão ter sucesso. Por quê? Porque chegamos muito tarde.

Se nós todos [*países da América do Sul*], para tratar de equilibrar esse mundo, não temos como estabelecer com políticas federais uma aproximação que nos permita desembocar em um desenvolvimento comum, vai ser muito difícil negociar com essas potências. No mundo que está por vir, não há lugar para os fracos. Para que haja menos fracos, não há outro caminho, temos que nos juntar. Nós, juntos, temos muitas possibilidades, muitos recursos, muitas promessas, mas não somos uma realidade. Já passou da hora de pensarmos como continente integrado, de pensarmos como um único país, não podemos nos acomodar. Se não existe vontade política nos governos, jamais vamos construir uma sociedade mais justa. Mas esse é um tema muito complicado. Os governos estão preocupados com quem ganha a próxima eleição e as alianças para que isso seja possível, enquanto no momento de discutir temas em comum somos muito fracos.

### **O senhor entende que há um avanço da direita e uma onda de movimentos golpistas na América do Sul?**

O que há é uma nova tecnologia que está movendo a direita imperialista no mundo, com uma doutrina que busca, por métodos civis e não violentos, desestabilizar a situação dos governos. Isso tem se aplicado contra qualquer governo que se mostra medianamente progressista. Essa é uma nova forma de luta que a direita tem encontrado, na qual utiliza reivindicações próprias da esquerda tradicional e seus métodos para trocar o governo que não lhe agrada. É um tema difícil.

### **Em 1986, o ex-presidente [*Julio*] Sanguinetti disse que os tupamaros não tinham futuro político e nem possibilidades eleitorais, que o passado da organização não permitiria uma aceitação popular. Hoje, podemos dizer que ele se equivocou?**

Temos que perguntar a ele [risos]. Filho, às vezes, nós de esquerda, nos equivocamos também. Ninguém tem a palavra santa, viu? Ninguém. A vida é muito mais complexa do que parece. Havia um sábio da política de sua época que dizia assim: "Na política, não se escreve nada, se fala pouco e se pensa muito". Verdade. Eu reforçaria, não se escreve nada [risos].

### **O que faria o senhor pegar em armas, hoje?**

Penso que nada. Hoje, devemos pensar se há guerras justas e injustas. O avanço tecnológico, essa disparada tecnológica no mundo de hoje, em favor da guerra, leva a sacrifícios enormes uma série de pessoas que não tem nada que ver com essa guerra. Há um terror tecnológico, um aparelho que lhe permite matar as pessoas sem sequer conhecê-las, à distância, e ainda lhe dão créditos por heroísmo. Não estou afirmando que não temos que lutar. Há outra forma de luta e temos que nos dar conta. Afirmar isso contra a guerra não é cair em um "pacifismo de pomba branca", não. Se trata de não perder vidas. Há maneiras distintas de se usar a rebeldia e a inconformidade humana para a luta, sem ser pela via armada, e que são enormemente questionadoras.

### **O que o tempo preso mudou em sua vida e como viu o mundo aqui fora quando saiu?**

Mudou o mundo, mudou o tempo e, até hoje, há mudanças. Quando saímos da prisão, concluímos que seria pueril continuar com o movimento armado e clandestino, pareceria uma provocação estúpida. Por cima de todas as coisas, vale pouco o que nós pensamos se as pessoas não entendem, porque toda decisão que tomamos na vida política precisa que as pessoas estejam próximas. Se as decisões e caminhos que escolhemos nos afastam das pessoas, estamos fracassados, por mais heroica e romântica que possa parecer nossa luta. Então, decidimos entrar para a legalidade e jogar as regras do jogo. Penso que não nos equivocamos, porque, se estivéssemos errados, não chegaríamos onde hoje chegamos.

Acho que mitigamos muitas das misérias de nossa sociedade, muito tem que ser feito ainda, mas se tivéssemos continuado com nossas convicções, hoje seríamos um grupo de velhos filósofos debatendo no café e falando de histórias do passado. Não podemos viver de história, o ontem serve para pensar que caminho faremos amanhã, mas é amanhã que a vida se joga.

### **Como foi possível realizar uma revolução de costumes no Uruguai, com tantas mudanças profundas?**

Se olharem para a história do Uruguai, vão ver que somos um povo aberto a mudanças. Em 1914, regularizou-se a prostituição. Muito cedo, se estabeleceu o divórcio por vontade da mulher. O Uruguai é o país mais laico de toda a América Latina. Aqui também se fundou muito cedo uma universidade feminina, que estimulava as famílias para que mandassem suas filhas para estudar. Então, estamos acostumados com mudanças e avanços progressistas.

---

**IGOR CARVALHO e VINÍCIUS GOMES** são jornalistas e escrevem para esta publicação. **Revista FÓRUM, Março de 2015.**

## Relações perigosas (SEAN PURDY)

Após dois séculos marcados por conflitos econômicos e ideológicos, governos de Cuba e dos EUA sinalizam reaproximação



**Bandeiras de Cuba e dos EUA estendidas em Havana após retomada de relações**

**“A necessidade de possuir Cuba é a mais antiga questão da política externa norte-americana”.**

**Noam Chomsky**

**LOCALIZADO** somente a 145 quilômetros do estado da Flórida, Cuba sempre teve uma relação próxima com os Estados Unidos, pontuada por conflitos políticos travados ao longo dos séculos XIX e XX. A reaproximação diplomática dos dois países, ocorrida nos últimos meses, é fruto de uma longa história de conflito e codependência, envolvendo interesses econômicos, geopolíticos e ideológicos.

No século XVIII, Cuba já era uma das mais lucrativas colônias espanholas, com extensas plantações de açúcar trabalhadas por meio de mão de obra escrava. Mais importante, porém, era sua posição estratégica no Caribe. A ilha estava localizada na rota de navios para América do Sul, cuja importância comercial e política cresceu subitamente no período. Atraído pelos benefícios comerciais e geopolíticos, o presidente norte-americano Thomas Jefferson propôs a aquisição da ilha já em 1807. John Quincy Adams, o poderoso secretário do Estado, escreveu em 1823 que a anexação de Cuba era “indispensável para a continuação e integridade da própria União”.

Enquanto a Espanha controlava a lucrativa ilha, porém, os Estados Unidos não tinham poder suficiente neste período para adquirir Cuba. A Doutrina Monroe, de 1823, estipulava que os Estados Unidos não mais aceitariam intervenções europeias no hemisfério americano. Essa doutrina servia como uma declaração de intenções futuras, mas, na época, o país não tinha poder suficiente para comprar ou conquistar Cuba.

### **Destino Manifesto e a Expansão de Escravidão**

Mas a cobiça por Cuba nunca foi esquecida. A enorme expansão territorial dos Estados Unidos, concretizada por meio da conquista dos povos indígenas e de uma grande parte do México, foi justificada ideologicamente pelo chamado Destino Manifesto, no qual os EUA tinham a missão providencial de espalhar sua “civilização” democrática.

Nesse clima, muitos políticos do Sul do país retomaram, na década de 1850, o sonho de adquirir Cuba, um país escravista cuja aquisição aumentaria o poder dos interesses escravistas. No contexto de conflitos entre escravistas associados com o Partido Democrata no Sul e os Republicanos no Norte, sobre o futuro de escravidão nos Estados Unidos, surgiram várias propostas de comprar a ilha.

Os argumentos usados em favor e contra a compra de Cuba demonstravam o prevalente racismo contra latino-americanos e escravos negros na época. Os sulistas queriam expandir o território escravista do país enquanto políticos do norte, por sua vez, temiam a “mistura de raças”. A questão de Cuba, portanto, inseria-se nos ferozes debates internos no Estados Unidos sobre o futuro de escravidão e, enquanto essa questão não foi resolvida, a compra de Cuba foi impossibilitada.

## A Guerra Hispano-Americana

Eventos na própria ilha no século XIX também moldaram as relações entre os dois países. Surgiram vários movimentos por independência da Espanha, brutalmente reprimidos pelas autoridades coloniais. Tentativas de dar mais autonomia ao país sempre foram rejeitadas pela Espanha, gerando uma guerra civil entre 1868 e 1878, que contribuiu pela abolição de escravidão em 1886. Mas a intransigência de Espanha provocou a retomada da luta dos cubanos pela independência em 1895.

Rebeldes cubanos já tinham cortejado o apoio de norte-americanos no seu esforço de liberar Cuba de colonialismo. O intelectual nacionalista, José Martí, morava nos EUA na década de 1880, construindo apoio ao movimento. Ele temia que o poderoso vizinho anexasse Cuba antes de a população cubana conseguir independência de Espanha. Nessas décadas, os interesses econômicos americanos também aumentaram, especialmente em agricultura e mineração. Economicamente, a ilha tornou-se gradualmente dependente nos Estados Unidos, ainda que politicamente permanecesse uma colônia de Espanha.

De 1895 a 1898, a guerra por independência criou bastante instabilidade econômica e política em relação aos EUA. Com uma recessão, fortes políticas expansionistas e o surgimento de uma poderosa imprensa popular que clamava por intervenção, os norte-americanos invadiram Cuba em 1898. O pretexto foi a explosão (provavelmente acidental, mas atribuída aos espanhóis) de um navio da Marinha americana que matou 268 marinheiros. Mas pressões econômicas e políticas para intervenção imperialista já haviam consolidado a forte vontade de o governo norte-americano intervir. Depois de uma "esplêndida guerrinha", nas palavras do secretário de Estado, forças militares derrotaram os espanhóis em Cuba, bem como nas outras colônias de Porto Rico, Guam e as Filipinas.

Como temia José Martí, os Estados Unidos ignoraram os desejos do movimento para independência e estabeleceu Cuba como uma semicolônia. Uma legislação norte-americana de 1901, a Emenda Platt, incluída na Constituição cubana de 1903, estipulava que a ilha permitiria intervenção dos EUA, caso necessário. Cuba também cedeu a Baía de Guantánamo para a construção de uma base naval americana. Nominalmente democrático, mas com bastante corrupção e repressão de liberdades políticas, Cuba sofreria a dominância estadunidense pelas próximas seis décadas.

### Ditaduras e revolução

A Emenda Platt durou até 1934, mas o padrão de intervenção militar norte-americana, a dominância da econômica cubana e apoio político para oligarquias cubanas e brutais ditaduras militares continuariam até 1959. A oposição ampla da população cubana à Emenda Platt e à dominância norte-americana também persistiriam. Já em 1906, um movimento de oposição foi esmagado por tropas americanas que ocuparam a ilha por três anos. Em 1912, soldados dos EUA e cubanos derrotaram protestos de afro-cubanos contra racismo, culminando na morte de 6 mil rebeldes.

Nos anos 1930, tentativas de revogar a Emenda Platt e introduzir reformas democráticas foram minadas por um apoio do governo americano aos militares cubanos. O presidente Franklin D. Roosevelt (1933-1945) enviou forças armadas para Cuba em 1933, a fim de garantir o poder dos militares liderados por Fulgencio Batista. Em 1940, Batista ganhou as eleições com uma plataforma populista, progressista e com apoio aos esforços de guerra dos Estados Unidos.

Nesse período, dominação americana da economia cubana chegou ao seu ápice: a maioria das indústrias de açúcar, tabaco, mineração e utilidades públicas acabou sob o controle de empresas norte-americanas. Com a proteção dos militares, a máfia norte-americana investiu fortemente em cassinos, prostituição e drogas na ilha nos anos 1940 e 1950.

Em 1952, Batista organizou um golpe e construiu um estado fortemente alinhado com os Estados Unidos. Crescentes movimentos populares foram brutalmente reprimidos pela polícia secreta com milhares de execuções. O governo dos Estados Unidos providenciou bastante suporte financeiro, militar e logístico ao Batista até que o nível de instabilidade econômica e política no fim da década de 1950 forçou seu aliado abandonar sua ditadura.

### Pós-Revolução

Uma pequena força guerrilheira liderada por Fidel Castro com bastante apoio popular derrubou as forças de Batista e assumiu poder em 1959. É importante ressaltar que o novo governo revolucionário não pretendia construir comunismo em Cuba: foi uma revolução nacionalista com um programa misto de reformas democráticas. O próprio Castro foi um admirador de muitas tradições democráticas estadunidenses, querendo plena soberania política e econômica. Mesmo assim, a revolução foi uma inspiração grande na América Latina contra o imperialismo americano.

Dedicados à Guerra Fria contra a União Soviética, os Estados Unidos, porém, não podiam aceitar uma potencial ameaça ideológica nas Américas, logo mostrando intransigência econômica e política contra Cuba, como já haviam feito e continuariam fazendo ao longo dos anos 1960-1980 contra projetos reformistas nas Américas do Sul e Central.

Enquanto o governo cubano estatizou certas indústrias e fez reformas agrárias e sociais, os Estados Unidos gradualmente apertaram as restrições. É importante enfatizar que empresas americanas foram expropriadas pelo regime cubano somente depois que estas recusaram produzir pela economia cubana. Em reação, o presidente John F. Kennedy estabeleceu um embargo econômico e político completo contra Cuba em 1962 que continuou até dezembro de 2014.

Castro seguiu o caminho lógico para qualquer líder no contexto da Guerra Fria. Ameaçado por um superpoder, ele abraçou o outro – a União Soviética. Somente em 1961, aliás, Castro declarou sua revolução socialista. A União Soviética

aceitou a aliança com Cuba, vendo a possibilidade de uma base nas Américas. Mas seu compromisso com a ilha dizia respeito apenas aos seus próprios interesses geopolíticos. Como aconteceu na União Soviética, Cuba se tornou um estado não democrático e controlado por uma burocracia comunista. Mesmo assim, conseguiu construir um estado avançado de bem-estar, com um dos melhores sistemas de saúde e educação pública do mundo.

Já nos anos 1960, os EUA começaram uma campanha de desestabilização econômica, ideológica e política contra Cuba, envolvendo o embargo, a invasão fracassada da Baía de Porcos em 1961, sabotagem de instalações militares, tentativas de assassinar líderes cubanos e uma campanha de demonização do regime cubano juntamente com a mídia norte-americana. As tensões logo culminaram na Crise dos Mísseis, em 1962, quando Castro e Kennedy levaram o mundo à beira de uma guerra nuclear, depois de os Estados Unidos descobrirem mísseis russos na ilha.

Ao longo dos anos 1960-1990, as relações entre os dois países foram caracterizadas por hostilidades militares e pela guerra ideológica. A comunidade de exilados cubanos anticomunistas nos Estados Unidos se tornou uma potente força eleitoral nesse país e ajudou a manter uma forte pressão contra o regime cubano.

Com o fim da Guerra Fria nos anos 1990, Cuba foi forçada a continuar sem o apoio da União Soviética. Por sua parte, a truculência ideológica contra Cuba nos Estados Unidos e entre norte-americanos de descendência cubana começou a diminuir. O governo e o empresariado estadunidense viram grandes oportunidades comerciais em Cuba, enquanto o regime cubano preparou a reaproximação através de reformas econômicas e políticas nos últimos anos.

Mas dá para perguntar se tanto sofrimento e conflito entre as duas nações podiam ser evitado se os EUA tivessem aceitado o seguinte convite para diálogo numa carta de Fidel Castro ao presidente Lyndon Johnson em 1964: "Eu seriamente espero que Cuba e os Estados Unidos possam eventualmente respeitar e negociar nossas diferenças. Acredito que não existem áreas de disputas entre nós que não podem ser discutidas e resolvidas dentro de um clima de entendimento mútuo".

---

**SEAN PURDY** é jornalista e correspondente desta publicação. **Revista CARTA NA ESCOLA, Março de 2015.**

## **Trinta anos: a história se contorce (JOSÉ SARNEY)**

**A MEMÓRIA** não retém o momento, o clima, a emoção. Hoje, 15 de março de 1985 é apenas uma data, fonte de tantos julgamentos e versões. O tempo é uma invenção do homem, e as datas redondas nos seduzem a construir o passado.

Na história do Brasil tivemos momentos de grandes inflexões. Mas aquela data será julgada no futuro como um instante em que a história se contorce. Ela marca o fim de um período marcado por revoluções, golpes de Estado, militarismo --agregação de poder político ao poder militar - e instalação de uma democracia de massa, que o país jamais conhecera. Um Estado Social de Direito, o exercício pleno da cidadania, das liberdades individuais e dos direitos sociais.

Os que vivem hoje jamais poderão avaliar o que estava em jogo naquela noite de 14 para 15 de março. A nove horas de tomar posse, o abdômen de Tancredo Neves, presidente eleito, começava a ser aberto no Hospital de Base de Brasília. Não se sabia que ali começava o seu martírio e a sua agonia. A realidade imitava a ficção. O país atônito. Os políticos envolvidos em perplexidades não tinham nenhum grupo mobilizado. Reuniam-se improvisadamente na Câmara e no Senado. Os jantares organizados para antecipação da festa se transformavam em desorientação e tristeza. O ministro do Exército comunicava ao chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, que iria voltar ao seu posto de comando e desencadear uma ação para interromper o longo processo da transição.

No meio de tudo isso, dois homens aparecem, mostram grande espírito público e capacidade de gerir crises: Ulysses Guimarães e Leônidas Gonçalves. Quando, tomado de profunda emoção e saindo de uma depressão que escondi do país durante vários meses, voltado totalmente para o problema humano de Tancredo, disse a Ulysses que não desejava assumir sozinho, ele, rispidamente e mostrando sua fibra de grande chefe, me disse: "Não é hora de sentimentalismos, Sarney. Temos deveres com a nação. Um processo tão longo de luta pelas instituições não pode morrer nas nossas indecisões".

O general Leônidas, já escolhido ministro do Exército, partiu para ações concretas: "Vamos ao Leitão de Abreu, não para discutir a sucessão, mas para dizer que amanhã, às 10 horas, o vice-presidente, conforme determina a Constituição, irá prestar juramento perante o Congresso e assumir a Presidência até o restabelecimento de Tancredo". E assim fez, em companhia de Ulysses e dos senadores José Fragelli e Fernando Henrique Cardoso. As mesas do Senado e da Câmara decidiram no mesmo sentido. O Supremo Tribunal Federal, convocado secretamente pelo presidente Cordeiro Guerra, deliberou que esse era o caminho da Constituição.

Quando me comunicaram as conclusões, às três horas da manhã, eu era um homem batido pelo imprevisto. Tomei posse "com os olhos de ontem" e enfrentei o desconhecido dos anos que estavam à frente. Passados 30 anos, o brasileiro Ronald Schneider, que estudou as transições democráticas, diz que a do Brasil foi a mais exitosa.

Iniciou-se a Nova República com o lema "Tudo pelo social". Enfrentei 12 mil greves, convoquei a Constituinte, implantamos uma democracia social, rompemos com a ortodoxia econômica com o Plano Cruzado, alcançamos a mais baixa taxa média de desemprego de nossa história - 3,59%. Até hoje não se repetiu o crescimento econômico daqueles anos.

Relembro nesta data Tancredo Neves. Afonso Arinos disse: "Muitos deram a vida pelo país, mas Tancredo é o único que deu a sua morte pelo Brasil". Esta é a história destes 30 anos de paz social, de alternância de poder e da presença do proletariado nas decisões nacionais.

**JOSÉ SARNEY**, 84, membro da Academia Brasileira de Letras, foi presidente da República (1985-1990). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Janeiro de 2015.

## O impeachment será no Whatsapp (WANDERLEY SOBRINHO)

Da greve de caminhoneiros ao panelaço, o aplicativo tem se tornado o principal articulador de campanhas para quem quer vender produtos, espalhar boatos ou apenas confundir



### Whatsapp soma 20 milhões de usuários apenas no Brasil

**NEM** Facebook, nem Twitter. Empresas, ativistas e partidos políticos vêm aderindo em massa ao Whatsapp para vender, mobilizar e, claro, espalhar boatos. Sem anúncios e mais intimista e rápido que outras redes sociais, o aplicativo de mensagens instantâneas cai nas graças de quem espera chamar a atenção e dar credibilidade a ações nem sempre bem intencionadas.

O "panelaço" que tomou as varandas dos bairros mais ricos do Brasil durante o discurso da presidenta Dilma Rousseff no domingo 8 pegou de surpresa boa parte da população, que se assustou com a ação convocada pelo Whatsapp em 12 capitais. Antes disso, a rede já havia sido utilizada para articular o bloqueio de 128 pontos de rodovias federais na greve de caminhoneiros no mês passado. No Piauí, o grupo Projeto Escolinha de Taipa tenta socorrer escolas públicas em más condições. Professores e membros da comunidade se articulam pelo aplicativo para arrecadar material escolar e até trocar o telhado de unidades cobertas com palha.

As ações mais recentes, no entanto, são menos nobres: no começo da semana ecoou no Whatsapp uma mensagem de voz em que um sargento Ferreira "informava" que "a inteligência das Forças Armadas" estaria aquartelada, "trabalhando descaracterizada em todo o território nacional". Ele pede à população que estoque comida porque "está para estourar uma guerra no Brasil": "Haverá intervenção federal de direita e de esquerda".

Outro alarme falso chamava a atenção para o confisco da poupança, similar ao Plano Collor. "Dia 18 [de março] a Dilma vai retirar o dinheiro das contas. Saca todo o dinheiro e não deixa nada", alertava a voz de uma mulher. Especialista em desmascarar boatos travestidos de notícia, o editor do Boatos.org, Edgard Matsuki, fala das possibilidades multimídia da nova forma de comunicação. "Boa parte dos rumores são em formato de áudio. Se quem falou tem uma boa locução, a mensagem acaba mais convincente do que um texto digitado", explica.

Diretor-executivo da Paradox Zero, agência de estratégias digitais, Paulo Rebêlo acredita que o Whatsapp é a rede do momento para a agitação política. "Ele é mais rápido, objetivo e pessoal do que o Facebook ou o Twitter. Ao mesmo tempo, não tem poluição visual nem anúncios e é muito mais fácil de aprender a usar." Com cerca de 800 milhões de usuários no mundo e 20 milhões só no Brasil, o Whatsapp decidiu, no final do ano passado, aumentar para cem o número máximo de pessoas por grupo. "Basta ter dez listas para atingir diretamente mil usuários. Com uma estratégia bem definida, a eficiência é muito alta", calcula Rebêlo.

De olho nesse filão, agências de marketing digital se especializam em estratégias para aumentar o alcance e a eficiência das mensagens enviadas pelo aplicativo. Uma delas é a Sendixx.com. Seu diretor comercial, Marcelo Quaresma, conta que a eficácia das mensagens enviadas pelo aplicativo chega a 96% e seu tempo médio de retorno é de 2 minutos e 18 segundos. "Não existe meio mais assertivo ou retorno tão ágil no mercado."

A empresa, então, criou uma ferramenta que permite, "por uma quantia muito baixa, o envio em grande escala de mensagens de texto, vídeo e imagem". "Identificamos automaticamente todos os usuários ativos do Whatsapp e, através de mais de 40 mil linhas telefônicas, enviamos campanhas para milhares de pessoas de uma vez." No Whatsapp, explica Quaresma, ninguém precisa curtir, seguir ou compartilhar para que os outros vejam. "Se alguma mensagem impacta realmente o consumidor, ele interage, permitindo que as empresas dediquem seus esforços aqueles que são os reais interessados em sua marca ou produto."

Mas será que as legendas políticas usariam esse potencial para fins partidários? "Sim", garante o diretor da Sendixx. "Em todos os segmentos da política: desde grandes partidos, passando pela política dos principais clubes do País até as universitárias." Rebêlo concorda: "É de conhecimento geral que os partidos se articulam por meio dessas ferramentas. É válido, faz parte do jogo." Embora não exista dispositivo para rastrear uma mensagem, Rebêlo explica que elas precisam partir de uma base. No entanto, só o Facebook - dono do aplicativo - pode rastrear o caminho reverso para identificar o número de origem, que "também pode ser forjado".

O que preocupa Matsuki, do Boatos.org, é justamente esse alcance. No Facebook, a boataria começou logo após as eleições: Dilma chegou a ser acusada de tramar a morte de Eduardo Campos e de homenagear traficante; até o presidente venezuelano Nicolás Maduro estaria disposto a invadir o Brasil para defender a presidenta em caso de golpe.

Agora é a vez do Whatsapp. "O receptor da mensagem nem sempre se interessa por política, não lê o assunto. Sua principal fonte de informação são as redes sociais", diz o especialista. "Muita gente quer genuinamente melhorar o Brasil ao espalhar notícias sem checar sua veracidade." Bem intencionados ou não, acabam atuando como massa de manobra.

---

**WANDERLEY SOBRINHO** é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CARTA NA ESCOLA, Março de 2015.**

## **Faça amor, não faça guerra - Desejo de Democracia (MÁRCIA TIBURI)**

**O DESEJO** de democracia constitui intimamente a própria democracia. O clima autoritário de nosso tempo mostra que este desejo está sendo reprimido. A democracia permanecerá enquanto o desejo por ela – desejo em si mesmo democrático, ou seja, amoroso e generoso – não tiver sido aniquilado.

O afeto que anima a democracia é político, no seu sentido mais simples: produz elos, uniões, coletivos, transformações. Fica fácil entender se pensarmos que a democracia é bonita como é bonita uma festa em que pessoas se alegram com o que tem em termos de lugar, bebida e comida, danças e cerimônias. O principal da festa é a alegria. Com ela qualquer festa é possível. Mas uma festa precisa ser minimamente produzida. Alguém tem que achar o lugar, a música, algo para comer. Penso na beleza das festas mais simples em que tudo se move em nome do simples fato de que confraternizar, de estar juntos alegremente, é possível. Bom lembrar que a festa não está pronta se, de mau humor, não nos propormos a ela.

A democracia é um regime de governo, mas é também um ritual diário – como estar em festa no mundo com o que há de mais simples – que precisamos praticar em família e no trabalho, na casa, na rua, no mundo virtual. Não há democracia sem respeito à singularidade e aos direitos fundamentais que o Estado, cada instituição e cada cidadão deve ao outro com quem compartilha a vida, pública e privada.

A democracia é, portanto, uma forma política cuja característica é a alegria. A democracia é sempre alegre. A alegria é a força revolucionária interna à democracia. Mas ela precisa ser defendida para poder perdurar. Por que a democracia é delicada. Por que a democracia é sempre criança. A imagem de uma criança que precisa de amor, de atenção, de cuidados para poder se tornar um adulto forte e preparado para a vida é sua expressão mais simples. Quem luta contra essa criança é perverso, ou autoritário. Por isso é que podemos nos perguntar se o clima da cultura política brasileira não é, neste momento, de perversão. Em relação à política, podemos dizer que muitos de nós estão sendo altamente pedófilos. Tratam a criança-democracia como um objeto sexual em que os anseios mais perversos se realizam sem limites.

É que o pedófilo não conseguiu deixar de ser criança. Ele fixou-se na infância e se identifica com ela, ao mesmo tempo que, abusando dela, abusa de si mesmo. Hoje, quando vemos tantas pessoas – políticos profissionais ou cidadãos comuns – falando e agindo em nome de um afeto como o ódio, expressando-se por meio de jargões e clichês antipolíticos, podemos nos perguntar como chegamos a este estado de coisas. Perguntar é preciso e quem está dentro desse estado de coisas não para para se perguntar. Que o ódio, afeto antipolítico, tenha tomado o lugar do amor não se justifica.



O exemplo do “panelaço” contra a presidenta da República foi um ataque bizarro à democracia. Tão bizarro que parece inacreditável que possa ter sido pensado. Certamente quem teve a ideia a considera uma ideia brilhante. Constantemente vemos cidadãos infantilizados pelos meios de comunicação e por suas condições de classe, raça e gênero, produzindo estes acontecimentos de alto teor de analfabetismo político. Ao mesmo tempo, podemos nos colocar a questão acerca de tais cidadãos que como adultos mimados parecem crianças. Crianças que não gostam do jogo democrático por que não foram educadas para isso. Nossa cultura – sobretudo a cultura industrializada servida às massas – e nossa educação (deseducação) favorecem este cenário. Há manifestações em que as pessoas parecem crianças que, abusadas, e transformadas elas mesmas em abusadoras, já não querem mais brincar. O astro da pedofilia política tem um jeito de brincar bizarro.

Do mesmo modo, aqueles que hoje promovem a abstrata ideia do “impeachment” – neste Brasil de 2015 (!) – não sentem vergonha por sua atitude porque em sua base acreditam que tiveram uma grande ideia e que seus pensamentos, palavras e atos são os mais verdadeiros e corretos. São meninos mimados que pensam que são os melhores do mundo. Ora, a personalidade autoritária não reconhece nada fora dela mesma. Nada pode ser contra seu modo de pensar, de sentir e de ver o mundo. O que o eu mimado e autoritário quer é impor-se como centro do mundo. As outras pessoas, perspectivas, classes sociais, gêneros, raças, são todos apagados em nome de uma verdade absoluta que nasce no núcleo paranoico – em que o mundo está pronto e explicado – que orienta suas ações.

O desejo de democracia que constitui a pessoa que respeita as leis e acordos sociais – o cidadão adulto – dá lugar em nossos dias ao desejo autoritário do sujeito infantil político que ainda não chegou à idade escolar. O desejo autoritário é sempre delirante. Quem estudou a história do nazismo lembra das performances políticas bizarras de Hitler e seus apoiadores. Hitler parecia uma criança que, tendo crescido, continuava abusada e mimada como todo paranoico. No nazismo, todos deliravam esteticamente e politicamente. Qualquer vídeo, documentário, ou filme do período mostra o caráter bizarro do que era vivido e fomentado pela propaganda da época. Nossa propaganda (inclusive o jornalismo de hoje) continua fascista e destrói a democracia. O fascista está para a democracia, como o pedófilo está para a criança.

Não é possível entender por que esse ódio expresso das formas as mais bizarras, tem tanto espaço ainda hoje quando devíamos ter aprendido com exemplos históricos, inclusive o exemplo brasileiro da ditadura militar que durou vinte e um anos e que ainda não estancou seus efeitos entre nós. Por que os afetos negativos tomam conta das pessoas, dos indivíduos, das populações? É pergunta que sempre podemos nos fazer.



Podemos também continuar perguntando: qual é a diferença entre o desejo constituinte da democracia e o desejo constituinte do autoritarismo? Como esse desejo, que é sempre desejo do outro, no sentido de ser formado junto com os outros, se estabelece? Ora, a democracia é uma forma de governo, mas é também uma perspectiva afetiva no sentido de ser efeito e de causar efeitos. O sentimento de amor, de respeito, ou de ódio não são naturais nas pessoas, são ensinados, são criados, são produzidos. Por que as pessoas estão preferindo o ódio ao amor, é outra boa questão. Só quem prefere o ódio é quem vive do capital, seu grande gerador.

Dia desses dentro do metrô em São Paulo, uma mulher falava para as outras "faça um sexo gostoso". Eu lembrei que a mulher de Goebells queixava-se que eles nunca faziam sexo... Pensei no Brasil, país feito de mitos: a sexualidade livre, a cordialidade, a alegria carnavalesca, o país tropical abençoado por Deus... Sei que o clima não é para a ironia, e que posso ser mal compreendida, porque o clima é de ódio a tudo o que implica o amor – e o sexo – ou a simples percepção de que há algo de infinitamente mais podre nas manifestações das comunidades bizarras que pedem sangue contra partidos, esquerdas, jovens ativistas, mulheres, homossexuais.

Atualmente as hordas de zumbis antipolíticos desejam sangue. Ele terá de vir do mesmo lugar de sempre. Das classes menos favorecidas e de todos os que, em algum momento, tentarem defendê-las. Contra isso, sugiro o de sempre: faça amor, não faça guerra. Mas quem poderá aceitar essa sugestão?

---

**MÁRCIA TIBURI** é graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia. É professora do programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie e colunista da revista Cult. Publicou diversos livros de filosofia, entre eles "As Mulheres e a Filosofia" (Ed. Unisinos, 2002), "Filosofia Pop" (Ed. Bregantini, 2011) e Sociedade Fissurada (Record, 2013). Publicou também romances: Magnólia (2005), A Mulher de Costas (2006) e O Manto (2009), Era meu esse Rosto (Record, 2012). É autora ainda dos livros Diálogo/desenho, Diálogo/dança, Diálogo/Fotografia e Diálogo/Cinema (ed. SENAC-SP). **Revista CULT, Março de 2015.**

Curso de Redação,